Autor:
Wenzu Zhou
emazhou86@gmail.com

Título:
O romance ibérico da Donzela Guerreira *e a* Balada de Mulan*: uma leitura comparada*

Resumo:

Propõe-se neste artigo uma leitura comparada do romance ibérico da *Donzela Guerreira* e de um conhecido poema chinês, a *Balada de Mulan*, ambos de origem medieval e transmissão oral. Após o estudo interno das diversas versões portuguesas do romance, que revelou uma notável heterogeneidade textual, procedeu-se à comparação entre o percurso da donzela guerreira e o de Mulan, a fim de averiguar os sentidos da configuração da identidade feminina em cada uma das esferas culturais consideradas. Por um lado, as vias de construção simbólica do romance e da balada chinesa mostram diferenças equacionáveis com questões ideológicas específicas das sociedades onde os textos foram produzidos. Por outro, verifica-se que, sob as aparentes divergências culturais, os textos preservam algumas imagens femininas de interessante convergência, que não hesitam em manifestar a sua autonomia.

Palavras-chave: Romance ibérico; Balada chinesa; Donzela guerreira; Mulan; Versão; Imagem; Identidade feminina; Medieval.

Abstract

This article proposes a comparative reading of the Iberian ballad *The Warrior Maiden* and a well-known Chinese poem – the *Ballad of Mulan*, both from medieval origins and passed by oral transmission. Our study begins with the internal specificities of the different Portuguese versions of the ballad. Then, taking into account the textual heterogeneity of the Iberian ballad, we compared the path of the warrior maiden and that of Mulan, in order to elucidate the meaning of the configuration of female identity in each of the cultural spheres related. From a general point of view, the distinctive symbolic construction in the Chinese and the Portuguese ballads manifest different ways of expressing the prevailing ideologies of the respective societies. On the other hand, under the apparent cultural divergences, interesting convergence can be found by showing some female images of autonomies.

Keywords: Iberian ballad; Chinese ballad; Warrior Maiden; Mulan; Version; Image; Feminine identity; Medieval.

Plano:

A mulher e a guerra
A androginização
As provas – nos campos da batalha e nos do amor
O eterno retorno?
Considerações finais

Como citar este artigo:

*Wenxu Zhou, «*O romance ibérico da Donzela Guerreira e a *Balada de Mulan*: uma leitura comparada», nº6, 2021, pp. 127-194.

DOI: https://doi.org/10.21747/21839301/gua6a5

O ROMANCE IBÉRICO DA DONZELA GUERREIRA E A *BALADA DE MULAN*: UMA LEITURA COMPARADA

Wenxu Zhou
Universidade de Coimbra
Universidade de Estudos Estrangeiros de Guangdong

Desde os tempos da antiguidade, as narrativas em torno de figuras femininas que assumem uma identidade guerreira – subvertendo assim aquele que, no Ocidente como no Oriente, é o papel tradicional da mulher – perpassam a literatura, sobretudo aquela que se vincula a uma prévia transmissão oral. A existência de povos antigos, habitantes das estepes euroasiáticas, cujas mulheres usavam armas e participavam nas atividades guerreiras é reconhecida desde há muito enquanto fenómeno cultural. Entrando na memória coletiva, estas mulheres – as Amazonas, como desde Heródoto são conhecidas no Ocidente – adquiriram um estatuto mítico que as potencialidades arquetípicas da androginia poderão ter reforçado, e estabeleceram-se duradouramente no imaginário literário e artístico, tendo alcançado uma fortuna crítica considerável[1].

Tanto na literatura ibérica como na chinesa encontramos uma figura feminina de contornos lendários que se enquadra perfeitamente nesta tipologia. Trata-se da donzela guerreira que aparece em romances tradicionais portugueses e castelhanos com presumível origem na Baixa Idade Média, de que conhecemos hoje um grande número de versões[2], e também numa balada chinesa que remonta às Dinastias do Norte (386-581), tendo sido registada numa antologia lírica intitulada *Yuefu Shiji*[3] (Coleção dos poemas de Yuefu), compilada por Maoqian Guo (1041-1099).

[1] Para mais informações sobre as mulheres guerreiras em fontes literárias e históricas desde a antiguidade, ver: Sanz, 1998. Sobre o tratamento do mito, o respetivo fundamento histórico e os indícios arqueológicos da existência destas "Amazonas", ver Testart, 2002, e Lebedynsky, 2009. Sobre a androginia enquanto arquétipo totalizador, símbolo da perfeição associada a um estado primordial e não condicionado, ver Eliade, 1957, pp. 215-216, e Libis, 1980. Para uma perspetiva da apropriação do mito das mulheres guerreiras na literatura Ibérica da Plena Idade Média, consultar Irizarry, 1983, e Maintier-Vermorel, 2011.

[2] Apesar de não haver dados sobre a origem exata do romance, já Menéndez Pidal (1963, p. 184) considera que era bem conhecido no séc. XVI, pois é referido na *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos. A nossa leitura faz-se a partir das versões portuguesas reunidas e publicadas por Pere Ferré, 2000, vol. IV, pp. 128-208. De acordo com uma ordenação temática baseada na classificação proposta por Armistead, o estudioso inclui o romance em "Romances Vários", na subdivisão dos "Romances Tradicionais Profanos".

[3] A compilação, impressa na época da Dinastia Song (xilogravura), está guardado na Biblioteca Nacional da China — ver Anexo 1, b. Yuefu (termo que pode ser traduzido literalmente como Departamento de Música) «é uma entidade governamental imperial que existe em várias dinastias chinesas, que executa tarefas relacionadas com música, poesia, entretenimento ou culto aos ancestrais, entre as quais se destaca a

É verdade que narrativas sobre donzelas guerreiras são contadas e/ou cantadas numa geografia muito lata[4]. Porém, os estudos comparatistas visando o romance ibérico e a balada chinesa, cujo enredo e esquema narrativo revelam muitas semelhanças, são relativamente escassos[5]. Por outro lado, os estudos dedicados ao romance tendem a pôr a tónica no tema da androginização da donzela[6], negligenciado quase por completo o desenlace da narrativa, que não apresenta a mesma lição em versões diferentes do romance e que merece uma investigação mais atenta.

De facto, é hoje consensual entre os investigadores do romanceiro que o constante devir do texto constitui um dos mais importantes carateres inerentes ao romance tradicional. Estudar várias versões dum mesmo romance favorece, a nosso ver, uma visão panorâmica do "vergel" onde «o agrupamento de arvores da mesma espécie é muitas vezes de grande beleza»[7], e permite apreciar o melhor possível o sabor do grande número de frutos que um romanceiro pode oferecer.

Levando em consideração todos os aspetos acima referidos, julgamos necessário fazer o nosso estudo comparativo em duas etapas. Primeiro, entrar no mundo microscópico das especificidades próprias das diversas versões do romance, comparando-as entre si e analisando, com base numa estatística linguística, o campo lexical a partir do qual se compõe a imagem da donzela guerreira, assim como os atos de fala que condicionam os rumos da narração, designadamente na parte final do romance. Esta etapa, que restringiremos às versões portuguesas do romance, permitirá verificar se o elenco estudado dá a ver a mesma imagem (ou imagens diferentes) da

recolha dos poemas de tradição oral popular», cf. Instituto Linguístico da Academia de Ciências Sociais da China, *Dicionário da Língua Chinesa Contemporânea*, 7ª ed., Beijing: The Commercial Press, 2016, p. 1618 (tradução nossa). É de salientar que, na coleção de Yuefu, só se fixa uma versão para cada balada, podendo esta ser apurada pelo oficial para ser cantada nos entretenimentos da corte e/ou nos ritos devotos. Embora a Balada de Mulan esteja mencionada no índice, o volume que continha o poema perdeu-se. O testemunho mais antigo da balada está preservado na *Yuefu Shiji*, impressa por Jiqing Lu Ruxue (Estudos Confúcios de Nanquim) em 1341. — ver Anexo 1, c.

[4] Ver, acerca da difusão do mesmo tipo de narrativa no âmbito europeu, Entwistle, 1951, p. 79, e Armistead, 1997, vol. II, p. 633. Maia, 2019, fez um levantamento sobre este paradigma literário, considerando que ele tem uma difusão de âmbito mundial.

[5] O artigo do sinólogo G. Margouliès, 1928, que infelizmente não nos é acessível, é possivelmente o primeiro que se dedica a uma leitura comparada entre a balada de Mulan e um outro poema popular, nesse caso francês, que conta a história de uma jovem guerreira disfarçada de homem para ir à guerra em lugar do pai. Com base na tradução da balada chinesa feita por esse sinólogo, Cecília Meireles, 1960, apresenta uma versão em português e aflora os pontos de contacto entre Mulan e a donzela guerreira dos romances tradicionais. Mais recentemente, Amaro, 2006, testemunha a interessante coexistência do romance português e da balada chinesa em Macau, mas tanto o uso de termos para designar o género literário chinês no caso de Mulan ("ode", "epopeia"), como a transcrição da "ode chinesa" se afiguram bastante confusos. Além disso, a interpretação de índole etnográfica sobre o texto chinês também nos parece pouco fundamentada.

[6] Quase todos os estudos sobre o romance fazem a associação entre a donzela e a imagem das mulheres varonis, especialmente a das Amazonas. Ver, entre outros: Mckendrick, 1974; Slater, 1979; Irizarry, 1983; Araújo, 1989; Galvão, 1998.

[7] Afirmação de João Teixeira Soares de Sousa. Ver: Teófilo Braga, 1902, *apud* Pere Ferré, 2000, vol. I, p. 75.

figura feminina. Em seguida, proceder a uma comparação entre o percurso de Mulan e o da donzela guerreira que protagoniza o romance português nas suas diferentes versões, a fim de averiguar os sentidos da desconstrução e/ou (re)construção da identidade feminina em cada uma das esferas culturais consideradas.

Para efetuar tal trabalho, adotamos como *corpus* de análise a balada chinesa Mulan, preservada em *Yuefu Shiji*, como já referimos, e quarenta e três das versões do romance *Donzela Guerreira* reunidas no «Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna» editado por Pere Ferré. Encontramos aí um total de cinquenta e seis versões deste romance, provindo de todo o território português; porém, só quarenta e três delas apresentam uma estrutura narrativa completa, que engloba as quatro sequências sobre as quais o romance se articula, a saber: a abertura, a androginização da donzela, as provas e o desfecho[8]. Para que o trabalho de comparação se processe sobre uma mesma estrutura, excluem-se treze versões truncadas[9] e uma corrompida (versão 1411) por contaminação com outros romances.

A mulher e a guerra

Antes de examinarmos o campo lexical do nosso *corpus*, é de realçar uma importante diferença nas formas narrativas entre o romance português e a balada chinesa (ver os poemas reproduzidos no anexo). É que, no romance, os diálogos entre as personagens escalonam-se ao longo de todo o texto, intercalados apenas raras vezes por secções propriamente narrativas, enquanto, na balada chinesa, prevalece um curioso narrador, que ora relata o percurso de Mulan, ora dialoga com ela. Tal diferença, que voltaremos a discutir mais adiante, leva a que a forma como é apresentada a motivação da donzela para ir à guerra divirja desde o início.

Não há sombra de dúvida de que a guerra serve de pano de fundo a ambas as nossas estórias, daí o título "donzela guerreira" atribuído ao romance. No entanto, e tomando como amostra o nosso extenso *corpus* de versões do romance português, verifica-se que a palavra "guerra" não é predominante na abertura do texto, onde comparece com trinta e nove ocorrências, menos numerosas do que as do lexema *varão* (49) */ barão* (11) e da forma nominal *filha* (56). Deduz-se que a guerra surge mais como um pretexto desencadeador da história a contar do que como um verdadeiro núcleo semântico, residindo este na falta de sucessor, problema em torno do qual se elaboram constituintes narrativos que diferem de sentido nas várias versões. Deparamos ora com a lamentação do pai pela sua velhice, ora com a maldição por ele lançada sobre a sua

[8] Ver Silva, 2010.

[9] Das treze versões incompletas excluídas no nosso trabalho, duas encontram-se sem abertura (versões 1391, 1416), duas só com a abertura e a androginização da donzela (versões 1382, 1425), uma versão (1392) não tem abertura nem desfecho, ou seja, conta apenas a androginização e as provas, e mais oito acabam abruptamente, sem desenlace (versões 1381, 1383, 1401, 1418, 1426, 1430, 1431, 1432).

mulher e a *geração/criação/condição/parição* desta. No nosso *corpus*, treze versões iniciam-se precisamente com esta maldição, vinculada ao conceito do "mal" social que a falta de sucessor pode implicar na época das guerras[10]. Não queríamos deixar de chamar a atenção para o facto de a maldição lançada sobre a mulher e a sua geração (*sete filhas* em todas as versões menos numa, em que consta *sete filhos*), traduzir a acusação que tradicionalmente impende sobre as mulheres que não deram à luz filho varão, mostrando-se assim incapazes de cumprir a obrigação de produzir um sucessor para seus maridos. A imprecação é tão forte que chega a repercutir-se, retrospetivamente, sobre a cadeia de reprodução feminina assim repudiada:

> - *Mal hajas tu, ó mulher, ma´lo leite que mamaste,*
> *sete filhas que tiveste sem nenhum ser varão.* (versão 1415)

Pela simbologia cíclica que o número *sete* transporta, verifica-se uma predominância de ocorrências (27) deste para indicar o número de filhos/filhas da família da donzela[11], o que corrobora a significação de «um ciclo que ameaça ser interrompido»[12]. Das tantas filhas, é *a mais nova/moça* que com mais frequência[13] toma a iniciativa de ir à guerra em vez do pai. Esta filha mais nova, tão bem identificada por Delpech com as filhas auxiliadoras que surgem nos contos populares[14], distingue-se por «*responder com grande discrição* (6), *resolução* (4), *razão* (3) e *coração*[15] (3)», qualidades que raramente são atribuídas ao género feminino na sociedade tradicional patriarcal. Ao dotar a donzela, além destas características, de um *cavalo* (34) e *armas* (17)/*espada* (9)[16], o romance assimila-a implicitamente ao mundo guerreiro masculino.

Se, no romance, a sequência de falas entre o pai e a filha abre, de forma dramática, um pano de fundo circunstancial para a ação que se irá desenrolar, na balada chinesa, pelo contrário, a cena inicial introduz-nos num cenário onde se projecta introspectivamente a subjetividade da protagonista. Encontramos Mulan circunscrita a um espaço tipicamente doméstico e tradicionalmente feminino, sinestesicamente caracterizado por elementos visuais e auditivos que suscitam um entendimento simbólico. A expressão onomatopaica "Tsi-tsi, tsi-tsi" é interpretada geralmente como o

[10] Ver Pires, 2017.

[11] O número *três* também é recorrente, mas só aparece em sete versões; em duas outras versões encontra-se o número *duas*.

[12] Ver Araújo, 1989.

[13] A forma adjetival *nova* possui catorze ocorrências; *velha* conta com onze ocorrências e *moça* com apenas quatro.

[14] Delpech, 1986.

[15] Com o sentido de "coragem" que lhe corresponde na escrita medieval.

[16] Na singular versão 1421, a donzela pede para trazer "lança, coroa e ceptro", símbolos do poder régio.

som do tear, o suspiro de Mulan ou o estridular do grilo[17]. Este inseto, escondido nas frinchas da casa, costuma cantar quando começa o frio outonal, sendo por isso, e pela semelhança do seu canto com o som do tear, um aviso para as mulheres fazerem a tecedura. Cria-se assim uma tensão subtil entre o estridular outonal do grilo e o silêncio do tear parado, anunciando uma rutura no tempo e na vida. É o sinal da guerra, revelada nos versos seguintes pela própria voz de Mulan.

Embora a balada não convoque o progenitor para um diálogo com Mulan, pois mostra-nos um monólogo de teor introspetivo[18], a figura do pai não deixa de estar presente. Pelo contrário, ocupa tanto a mente de Mulan como o seu nome ocupa as listas de recrutamento do imperador. Além disso, é claro que, na balada, não há qualquer problema da falta de sucessor (Mulan tem um irmão mais novo, como refere a última parte da balada), nem se trata da defesa da honra cavaleiresca. É antes uma ameaça à vida do pai que está em causa, e nada poderia ser mais propenso a mostrar a piedade filial da protagonista, valor social de primeiro plano na ideologia confucionista, do que ser ela mesma a substituir o pai para o poupar ao eventual sofrimento)

A androginização

No romance, a androginização da protagonista, processo de construção da máscara, faz-se nas perguntas-respostas entre o pai e a donzela. Os questionamentos do pai destacam-se pela exclusividade de formas nominais e adjetivais – alusões descritivas e estáticas sobre traços corporais femininos. Encontram-se assim ordenadas as formas nominais de acordo com o número decrescente de ocorrências[19]: *olho* (35) = *cabelo* (35) > *peito* (34) > *pé* (25) > *mão* (19) > *ombro* (15) > *passo* (7) > *andar* (4) > *perna* (3) > *rosto* (2) > *beiço* (1) = *orelha* (1) = *pelo* (1) = *quadris* (1) = *olhar* (1).

A frequência de cada forma evidencia a importância do sentido simbólico que a unidade lexical referente carrega. Os *olhos*, motivo emblemático da tradição do amor cortês que indicia o tema amoroso a desenvolver com a narração, conta com uma grande variedade de formas adjetivais para os qualificar, pois em grande parte das versões os olhos da donzela são *fagueiros/fagueirinhos* (11), e também podem ser *lindos* (6),

[17] Zhang, 2015, vol. II, pp. 427-470, explicita cinco interpretações diferentes desta onomatopeia.

[18] Os versos "O que estás a pensar? O que estás a recordar (问汝何所思，问汝何所忆)" literalmente traduzidos seriam: "Pergunta-te o que pensas, pergunta-te o que recordas" (na versão de Meireles lê-se "Perguntemos por que está triste; perguntemos se é alguma lembrança"; porém, no original chinês não se pode identificar o sujeito do verbo "perguntar"). Considera-se que estes dois versos não remetem para uma pergunta feita a Mulan pelo(s) pai(s), antes correspondem a formas de narração recorrentes na balada chinesa coeva. Interpretamo-los, assim, como parte do prólogo constituído pela parte inicial do poema, e não como um diálogo entre os progenitores e a filha.

[19] Em cada versão, conta-se apenas uma vez cada palavra relevante, independentemente das repetições que se verifiquem na sequência narrativa em análise. Por exemplo, a forma nominal *olho* pode surgir várias vezes numa dada versão do romance, mas só é registada a primeira ocorrência no contexto do questionamento do pai sobre os traços físicos donzela.

bonitos (5), *formoso* (3), *vivos* (2), *grandes* (2), *pequenos/pequeninos* (2), *belos* (1), *pisqueiro* (1), *azuis* (1, versão de Leiria) e *pretos* (1, versão de Faro). Pelo *cabelo* e pelo *peito* se realça a simbologia sexual, apesar de a diversidade de qualificativos diminuir drasticamente em comparação com os *olhos*. Verifica-se um número elevado de ocorrências do adjetivo *grande* (34), para retratar *cabelos*, *peitos* e do adjectivo *pequenino/pequenina* (31), para descrever *mãos* e *pés*. Curiosamente, tal como se podem ver *olhos grandes* e *olhos pequeninos* em versões diferentes, os adjetivos para a forma nominal *pernas* encontram-se também em sentidos opostos: na versão 1384 (de Bragança) são *delgadas* enquanto na versão 1423 (da Ilha da Madeira) e na 1433 (origem desconhecida) se descrevem como *grossas*. Embora não haja uma justificação cabal para esta aparente contradição, o contraste exemplifica o dinamismo do romance, cuja transmissão ao longo do tempo – e também do espaço – dá a ver diferentes estereótipos de feminilidade, propiciando «a ação transformadora exercida na expressão e no conteúdo»[20] e tornando-se numa transmissão produtiva.

Na verdade, estas unidades lexicais não funcionam como caraterização de qualquer donzela específica, são antes uma visão estereotipada sobre um determinado grupo de mulheres, semelhante ao tipo "princesa" dos contos populares. Os questionamentos repetitivos e formulares do pai representam um olhar e um poder patriarcal que define o sexo feminino e que, em nome de tal definição, paralisa a capacidade de ação da donzela. Esta, contudo, consegue realizar as transformações androginizantes, construindo a máscara à medida que desconstrói ou ocultar a identidade feminina. Este processo é mediado por palavras, mais concretamente pelas formas nominais e verbais que predominam nas respostas, exigindo do leitor/ouvinte uma inferência da ação que lhes corresponde, reforçada em nove versões[21] pelos refrães que repetem frequentemente as formas verbais *dar, vir* no modo imperativo, e *ser* no futuro do indicativo – tempo verbal que predomina na enunciação da donzela nesta sequência narrativa, a par das formas nominais *arma*, *cavalo,* e *filho varão*.

Apesar de, em ambas as narrativas, ser o travestimento que abre a porta de entrada no mundo masculino, este tema não se manifesta da mesma forma na balada chinesa. Ao invés de um confronto dialogado, é a partir de uma série de ações – as compras do cavalo e do restante equipamento bélico –, que "vemos" Mulan sair do seu espaço doméstico, preparar-se para entrar num outro mundo, e com uma constante mudança de *locus* que acaba por desenhar simbolicamente uma totalidade espacial, vir assumindo a identidade guerreira, sem negar explicitamente a sua feminidade[22].

[20] Correia, 2003, p. 19.

[21] Versões 1378, 1389, 1396, 1410, 1412, 1417, 1419, 1420, 1421. Como já referimos, a versão 1421 menciona «lança, coroa e ceptro».

[22] Estudos históricos indicam que, durante o período em que terá nascido a narrativa sobre Mulan, as armaduras pesadas usadas pelos soldados da cavalaria facilitam o encobrimento da sexualidade, tal como se mostra uma peça de terracota da Dinastia Chi do Norte (Bei Qi) (Ver: Anexo 2), guardada no Museu de Arte de Filadélfia (EUA).

Para além disso, é de notar que, na parte final da balada, onde se narra a chegada da protagonista a casa, a androginização é revertida por uma série de gestos/ações que acompanham uma simétrica restrição do espaço às fronteiras domésticas.

> Mulan abre a porta Leste do seu quarto,
> Senta-se no leito Oeste da sua câmara.
> Despe-se da roupa de combate,
> e veste-se da cabaia de donzela.
> Junto à janela, frente ao toucador,
> penteia-se e enfeita-se.

Nos versos originais da balada, os carateres de designação direcional "东(*Leste)*" e "西*(Oeste)*" estão imediatamente seguidos pelo caráter "阁", que significa "quarto" ou "câmara" em português. É geralmente aceite que estes termos direcionais – tal como os que aparecem na estrofe «*no mercado do Leste/Oeste/Sul/Norte*» – constituem uma figura retórica tradicional, comum na expressão poética chinesa, que implica a generalidade de ação ou descrição na qual são mencionados. No entanto, segundo uma outra via de interpretação, que nos parece mais produtiva, as locuções "东阁(*Leste quarto/câmara)*" e "西阁*(Oeste quarto/câmara)*" devem ser entendidas respetivamente como "o Leste do quarto/câmara" e "o Oeste do quarto/câmara"[23]. Ora, os dois carateres "东(*Leste)*" e "西*(Oeste)*", que se encontram já na escrita em ossos oraculares, possuem, desde a antiguidade, ricas conotações culturais. Estão relacionados respetivamente com a estação primaveril e com a outonal, com *Yang* e *Yin*, conceitos taoistas que correspondem ao masculino e ao feminino[24]. Assim, as expressões direcionais do trecho em análise indiciam simbolicamente as alterações que, na balada, se produzem na esfera de ação própria da protagonista. Vemos, pois, Mulan abrir a porta que fica no nascente do seu quarto, percorrê-lo e sentar-se no seu leito que é no poente. Com estes passos, Mulan deixa o mundo guerreiro e masculino e entra no seu universo íntimo, um universo feminino em que, com o despojamento da roupa de combate, a donzela abandona explicitamente a máscara e retoma a sua identidade original[25]. A cabaia deixa vislumbrar os traços corporais femininos; o penteado e a maquilhagem – os cabelos pretos e espessos são como nuvens junto às orelhas, flores estampadas adornam

[23] Sobre esta interpretação, ver: Huang Dezhang, 1982.

[24] Um exemplo que ilustra bem estas conotações é a expressão arcaica "东床 (leito leste)", que significa genro em chinês. Além disso, nota-se que, na poesia clássica chinesa, as figuras femininas saudosas que esperam pelo regresso do marido ou do amado se encontram amiúde num local "西(oeste)".

[25] Muito curiosamente, um dramaturgo chinês da Dinastia Ming, Tang Xianzu, reescreve, na sua obra-prima *O Pavilhão Peónia* (1617), o verso da Balada de Mulan como «Abre a porta do quarto oeste, na câmara leste faz a cama», prenunciando um encontro amoroso que a protagonista da peça determina buscar. Aí, do oeste ao leste, parece que estamos perante um caminho que leva ao inconsciente da mulher e à sua busca do *animus*, gerando-se um isomorfismo simbólico entre a protagonista da peça e a nossa Mulan. Sobre esta analogia envolvendo a mulher e o seu espaço, ver Zhou, 2003, pp. 85-86.

a testa ou as covinhas da face – são pormenores intraduzíveis através dos quais se evidencia ainda mais a subtileza dos gestos e a feminilidade de Mulan. Ademais, em comparação com os quatro pontos cardeais dos mercados, o facto de no final apenas serem mencionados o leste e oeste (pontos do nascer e pôr do sol), associados, como acima dissemos, à primavera e ao outono, poderá significar que, no mundo/*locus* a que a donzela regressa, o único movimento é doravante o do tempo, do ciclo imparável dos dias e das estações, como o tear, Tsi-Tsi de novo...

As provas – nos campos da batalha e nos do amor

Mas voltemos à donzela guerreira do romance. Como Correia bem observou e sublinhou, as personagens do romance são raramente apresentadas, e os diálogos não comportam anotações didascálicas[26]. Na maioria das versões do nosso *corpus*, a sequência narrativa que se segue à da androginização começa, abruptamente com uma fala da outra personagem masculina do romance – a queixa amorosa do capitão ou filho do rei –, da qual nada sabemos a não ser o que deduzimos dos enunciados produzidos pelas diversas personagens. Não obstante, há sempre exceções, e no nosso *corpus* são 6 as versões que fogem desta normalidade, duas das quais desenvolvem alguns versos de narração detalhada. Vejamos:

Sete anos andou na guerra como forte varão,
conheceu-a Valdevinos, estando lendo a paixão,
que levantou os olhos do céu e murchos os baixou ao chão. (versão 1379)

No cabo de sete anos, pazes assentadas são,
vestido de suas armas, montando seu alazão,
passou à corte de França, D. Martinho infanção.
Filho d´el rei mal lo viu, morto ficou de paixão
e chegando a palácio, pede à mãe sua bênção
e lhe conta, em segredo, pena de seu coração. (versão 1423)

Estas pequenas sequências narrativas inseridas no romance não nos parecem desempenhar meramente uma função articuladora na estrutura da história, sendo, na verdade, elementos sugestivos portadores de uma descrição mais detalhada da personagem masculina que apontam para a particularidade literária da versão em causa e sugerem uma eventual diferenciação na intriga. Voltaremos a abordar esta questão quando tratarmos o desenlace do romance.

Centremo-nos agora nas variações e invariantes do campo lexical. Repara-se que a queixa do cavaleiro (capitão ou filho do rei) inicia o subtema amoroso do poema,

[26] Correia, 2003, p. 34.

configurado em torno do motivo do olhar, que, à semelhança das cantigas de amor cortês, onde o enamorado chega a temer a morte, causa o enamoramento e o sofrimento do sujeito de enunciação. Compreende-se então que o maior número de ocorrências lexicais recaia, de novo (relembremos o questionamento do pai sobre os olhos da donzela), nas formas nominais *olhos*, *olhinhos*, *olhar*, seguida por *coração*. Ao deixar o capitão confidenciar-se com a mãe e receber os conselhos desta, o romance parece parodiar as cantigas de amigo[27] e colocar, de forma algo burlesca, a personagem masculina no lugar feminino, o que cria uma curiosa simetria imagética com o travestimento da donzela.

Em contraste com o inalgterado queixume da personagem masculina, as tentativas de revelação da identidade feminina da donzela e as manifestações estratégicas, por parte desta, de ações caracterizadas como viris, proporcionam uma variedade de cenas que refletem a codificação ideológica e social em relação ao ser mulher/homem. Os espaços/as ocasiões onde decorrem as provas não excedem 4 categorias, a saber: o espaço natural – o jardim (9) e/ou pomar (9) ou quintal (2) ou horta (1); o espaço público e social – feira (27) e/ou tenda (4) ou botica (2), (ir à) caça (1) ou (ir ao) tear (1); o espaço privado e social – o jantar (34); o domínio privado e íntimo – ir dormir (20) e ir banhar/nadar (41). Elencando cada *locus* segundo a ordem crescente das ocorrências, teremos: o espaço natural > o espaço público e social > o espaço privado e social > o domínio privado e íntimo.

A ordenação destas categorias torna evidente que a conceção da diferenciação entre os dois sexos, ou do género, é fortemente marcada pelos valores sociais. O espaço natural não contém, à partida, qualquer significação assinalada pelo género, daí que as formas nominais utilizadas neste segmento se possam manifestar com sentidos contraditórios em versões diferentes, replicando o paradigma indiferenciador notado anteriormente no processo de androginização. Destaca-se, assim, a ocorrências dos vocábulos *maçã, rosa, cravo, cidra, lima* ora para homens *cheirar*, ora para damas *levar*. Todavia, quando se alude aos objetos ou comportamentos atinentes aos espaços sociais, a unidade lexical torna patente uma uniformidade da dicotomia do género a que não escapa qualquer versão. São incluídos no "universo feminino" objetos como *fitas* (24), *renda* (3), *joia* (3), *lenço* (2), *prenda* (2), *vestido* (1), para *levar* (9), *enfeitar* (7), *adornar* (4), contrastando com as formas nominais que designam objetos guerreiros tais como *espada* (24), *adaga* (6), *arma* (6), *faca* (2), *espora* (2), *lança* (1), para *guerrear* (12) ou *brigar* (9) …

Denota-se ainda o teor androcêntrico desta codificação ideológica da sociedade patriarcal hierarquizada, porque na cena do jantar:

> *- Bota-lhe cadeiras altas, cadeiras baixas a par,*
> *porque se ela for mulher, nas baixas se há-de sentar!* (versão 1420).

[27] Para outros pontos de contacto entre o romance e a poesia trovadoresca, ver Silva, 2010, pp. 89-95.

A inferioridade que é conferida às mulheres nas sociedades patriarcais, reflete-se muitas vezes no próprio espaço que lhes é destinado. Assim, estiveram durante muito tempo condenadas a utilizar assentos que as colocam num plano mais baixo do que os homens – assentar nos *baixos* (21) ou nas *cadeiras baixas* (16) ou até no chão (1)[28]! Os objetos e os lugares, contaminados por uma visão dualista do género, são constituintes do costume social que enfatiza esta visão por meio das práticas repetitivas do coletivo. Mas a donzela guerreira reconhece bem o padrão e ultrapassa mais uma vez o obstáculo.

À medida que a encenação das provas se torna cada vez mais "fechada", mais privada e íntima, o espaço, literal e simbólico, de que a donzela dispõe para reagir fica cada vez mais reduzido. Quando o capitão a convida para ir dormir, ela geralmente aceita, mas dorme com vestimenta. Numa única versão (1386) a donzela despede-se e parte, declarando "a guerra não posso resistir". A última cena decorre supostamente num local aberto, porque seria ao ar livre, no rio, no lago ou no mar; mas a água, símbolo de liquidificação de fronteiras, sugere a diluição do espaço entre as duas figuras do romance – um indício erótico que ameaça a virgindade da donzela. É neste ponto fulcral que começam a variar significativamente as lições que as diferentes versões do romance apresentam. Uma vez mais, esta é uma questão a retomar quando tratarmos o desfecho da história.

Enquanto no romance português a donzela inicia a aventura amorosa, na balada chinesa Mulan começa a sua trajetória guerreira, configurada por componentes lexicais espácio-temporais. Nota-se que, nos doze versos seguintes (*Quando o sol nasce despede-se dos pais/ ... .../ o luar frio refulge nas couraças de ferro*), se dá uma sequência de cenas, relatadas em dísticos, onde aos movimentos diurnos da filha-soldado se sucedem os ambientes noturnos guerreiros, inscrevendo assim o percurso espacial da donzela numa circularidade temporal. A par da deslocação militar de Mulan está traçada uma imagem saudosa da filha – os sons que se fazem ouvir ao anoitecer nos lugares ermos e selvagens acentuam a ausência da "*afetuosa voz dos pais*", continuamente sentida pela protagonista, apesar de esta não desacelerar nunca os seus passos e resistir sempre às condições árduas da vida militar.

Avança pressurosa para o campo de batalha,	万里赴戎机
atravessando as escarpas veloz como quem voa.	关山度若飞
O vento norte traz os ecos do gongo da sentinela,	朔气传金柝
o luar frio refulge nas couraças de ferro.	寒光照铁衣
Em centenas de batalhas, ao longo de dez anos,	将军百战死
generais e soldados, uns morreram, outros voltaram.	壮士十年归

[28] Na Península Ibérica, preservou-se, pelo menos até aos inícios do século XIX a tradição, de origem mourisca, de as mulheres se sentarem num estrado, em cadeiras baixas ou almofadas. O romance poderá transportar ecos desse costume.

Em comparação com a sequência de doze versos anteriores, esta estrofe, cuja forma original em chinês consiste em apenas seis versos de redondilha menor (com trinta carateres no total, tendo cada verso cinco carateres e correspondendo cada caráter a uma sílaba), revela uma aceleração do ritmo poético que representa uma intensa vida militar e realça a proeza de Mulan. A guerra não serve apenas de pano de fundo ao poema, é um local de ação para a protagonista, palco das atuações militares da filha-soldado. A identidade feminina não impede o sucesso da guerreira, pelo contrário, a sua proeza é reconhecida e permite-lhe aceder a um cargo da corte, honra reservada geralmente ao género masculino. No entanto, acabada a guerra, terminada a missão de Mulan, esta recusa o cargo oficial e manifesta a vontade de regressar para casa, o que mais uma vez reflete a ideologia confucionista que exalta a piedade filial.

O eterno retorno?

Quer sejam submetidas às provas do campo de batalha, ou às do campo de amor, ambas as donzelas passam as fronteiras socialmente construídas como indício de separação dos géneros. Contudo, os percursos diferentes de Mulan e da geralmente anónima[29] donzela portuguesa não deixam de lhes impor a mesma pergunta: como lidar com a sua própria identidade – mulher e transgressora?

No romance, quando a donzela guerreira é convidada para ir nadar, a maioria das versões introduz um pretexto para a sua partida: a morte do pai ou da mãe. Veja-se o elevado número de ocorrências (37) dos vocábulos relacionados com a morte, seja na sua forma adjetival *morto*, seja na forma verbal *morrer* – anunciada normalmente pelas *cartas* (17) que trazem *novas* (9) de *pesar* (5), ou pelos *sinos* (16) *da minha terra/aldeia/freguesia*. Embora não sejamos informados explicitamente, é de supor que esta desculpa seja da invenção da donzela, pois esta declara em cinco versões que lhe chegam cartas que "*vêm/caem do céu*", ou, numa outra versão do romance, que recebeu "*tristes novas*" que "*me chegaram, nas asas d´um passarinho*". Este pormenor não só vem reforçar a inteligência de que a donzela dá provas, como exerce uma função articuladora que permite, antes de terminar a história, desenvolver um pouco mais a intriga, quase sempre em forma de diálogo ou monólogo. Pela diversidade que apresenta nas várias versões, este desenvolvimento imprime ao desenlace do romance uma heterogeneidade tão extraordinária que dificilmente os textos poderão, neste ponto, ser analisados dum modo global. Contudo, para tentarmos perceber o sentido

[29] Anónima, mas não socialmente indiferenciada. Toda a envolvente familiar, bem como a ideologia linhagística que lhe está subjacente, apontam para que a protagonista do romance se enquadre num estrato social aristocrático, o que se torna mais evidente nas versões em que a donzela assume o título de conde ou acompanha um filho d´el rei.

destas divergências, podemos seguir as seguintes pistas de leitura/observação, indicadas pelos atos de fala da donzela[30]:

1. A donzela parte, despedindo-se (ou não), do cavaleiro/capitão, e o romance acaba.
2. A donzela volta para casa, muitas vezes acompanhada pelo cavaleiro/capitão, sendo sugerido um futuro casamento.
3. Não há elementos que indiciem o movimento das personagens, e o romance acaba com uma declaração da donzela, que pode incluir (ou não) um convite.

Convém ter em conta que a categorização aqui proposta é meramente esquemática e que, em muitas das versões do romance, os elementos se encontram na intersecção de mais do que uma das pistas de leitura acima referidas.

Seguindo a primeira pista, encontramos no nosso *corpus* 9 versões, das quais 5 revelam a identidade feminina da donzela e o seu nome próprio – em todas *Leonor*:

- Adeus, que me vou embora, adeus, meu conde e senhor;
há dois anos que o serve esta dona Leonor. (versão 1390)
- Há sete anos que ando na guerra, servo-el-rei, meu senhor,
hoje acabam nos sete anos… Pisa o potro, Leonor! (versão 1384)
- Sete anos andei na guerra, servir o rei, meu senhor,
Agora querem que eu nade… Toca o potro, Leonor! (versão 1385)

Nos versos finais destas três versões podemos sentir a vontade de partir por parte da donzela, e a sua determinação, cada vez mais forte – o que é compreensível se relacionarmos com os contextos internos de cada versão. Na versão 1385, não é apresentada nenhuma justificação, parecendo que a donzela ficou mesmo indignada pela perseguição implícita nas tentativas do seu pretendente. A viva linguagem do último hemistíquio fornece-nos a imagem duma donzela independente e resoluta que contraria o que o verso anterior afirmara: "*Roga-a tu, ó meu filho, para ir contigo nadar; se ela mulher for, logo se há-se arrecear.*" Nestes casos, a identidade feminina da donzela não é revelada senão por ela mesma, que se assume assim orgulhosa da sua verdadeira natureza, como se exprime nesta versão:

Sete anos andei na guerra, se mulher vim, mulher vou;
[……] honrada vim, honrada sou.
[……] Adeus Carlos, meu amor,
que dormiste sete anos com a dona Leonor. (versão 1394)

É de salientar neste trecho o uso da palavra *honrada*, cujo sentido é altamente condicionado pelos valores ideológicos e morais de cada sociedade. Na sociedade

[30] Uma análise dos atos de fala envolvidos nesta sequência poderia trazer elementos importantes para a compreensão das diferentes atitudes da donzela no final de versões distintas do romance. Aqui, porém, limitamo-nos a notar que neles se incluem saudação de separação (fórmulas de despedida), identificação, convite, pedido e outros atos expressivos que se manifestam direta ou indiretamente.

medieval, valoriza-se muito a honra cavaleiresca, por definição masculina, que se reflete primordialmente na capacidade de um cavaleiro servir o seu senhor, nomeadamente no campo de batalha. Na identidade alternativa que lhe é conferida pelo seu travestimento, a donzela veio e é *honrada* por conseguir assumir o papel do filho varão, servindo o rei. Não obstante, comparando com outras versões, é possível deduzir que a forma adjetival *honrada* adquire aqui uma outra dimensão, especificamente feminina, e aponta para a virgindade, tradicionalmente considerada como a primeira virtude da mulher na sociedade patriarcal. Verifica-se na versão 1427, o orgulho por esta "honra" feminina, expresso depois de a donzela "saber" das novidades sobre os pais e se decidir a partir:

Acompanhe-me, acompanhe-me, se quereis-me acompanhar,
sete anos servir el-rei, em palácio a brigar.
virgem vim e virgem vou, o filho do rei como asno ficou,
se quiser casar comigo, siga-me por onde eu vou. (versão 1427)

A fórmula "*se mulher vim, mulher vou*" recolhida na versão 1394 encontra eco na fórmula "*virgem vim e virgem vou*" (noutra versão, aparece a expressão "*donzela vim e donzela vou*"), o que vem corroborar o significado ambivalente da palavra *honrada* da versão 1394. A *honra* surge assim no romance com uma imagem dual que respeita a androginia fundamental da donzela que foi à guerra.

Na versão 1427, por seu turno, processam-se os atos de fala do "convite" e do "conselho", que reaparecem em outras sete versões, onde a forma verbal *casar* é frequentemente vinculada à forma nominal *casa*: "*quem comigo quiser casar a casa do meu pai me venha procurar*" (versão 1400), ou *"se quiseres casar comigo, a casa do meu pai irás me buscar"* (versão 1415), etc. Entretanto, nas versões 1420 e 1421 (ambas de Faro) o cavaleiro/capitão, querendo acompanhar a donzela a casa, vai propor ao pai casar-se com ela.

Seguindo agora a segunda pista da observação, percebe-se que a alusão ao casamento pode também surgir quando a donzela apresenta o companheiro ao pai, o que envolve às vezes a concretização de um diálogo entre o pai e a filha, como se vê neste exemplo:

- Quem é esse cavaleiro, minha filha, qu´aí trazes ao vosso lado?
- É seu genro, meu pai, e das minhas manas cunhado.
- Sete anos andei na guerra, sete anos lá andi,
eu fui virgem e voltei virgem como a hora em que nasci. (versão 1419)

É preciso salientar que, salvo o caso da versão 1395, em todas as outras em que a donzela apresenta o companheiro ao pai como eventual futuro genro, seguem-se uns versos que de forma explícita (como na versão 1419, acima apresentada) ou implícita (como no caso seguinte, versão 1429) manifestam a permanência virginal da donzela:

- Sete anos andei na guerra e fiz de filho barão;
ninguém me conheceu nunca, senão o meu capitão;
conheceu-me pelos olhos, que por outra cousa não.

O verbo *conhecer*, portador de insinuações eróticas[31], é negado duas vezes para realçar a virgindade da donzela; a repetição do trocadilho, com que os "autores" medievais sabem tão bem jogar nas suas produções poéticas, causa um efeito cómico que deveria divertir o público ouvinte.

Mas o nosso romance nem sempre sublinha estas temáticas. Seguindo a terceira pista de análise, deparamos com as versões em que o romance acaba de forma mais sóbria, não desenvolvendo a questão amorosa ou do casamento, nem expondo o "triunfo" pela preservação da virgindade. Exemplifica-se:

- Sete anos andei na guerra sete anos por capitão;
sem ninguém me conhecer se eu era mulher ou não. (versão 1405)

No entanto, talvez estas afirmações simples não satisfaçam os produtores/transmissores do romance, pois além das duas versões que apresentam o desfecho acima ilustrado, há mais quatro cujos finais parecem ser construídos com base nestes versos, mas aos quais são acrescentadas outras expressões que claramente pretendem representar a feminilidade da donzela guerreira, esboçando uma imagem doméstica que simboliza a retoma da identidade feminina por parte da donzela, reestabelecendo assim a ordem social inicialmente quebrada pelo seu ato transgressor. É o que se pode verificar, na fala final da donzela:

- Dê cá a minha almofada, quer´ ver se ´inda sei coser.
Sete anos que andei na guerra, sem ninguém me conhecer.
Deixe ver minha tesoura, quer´ ver se ´inda sei cortar.
Sete anos que andei na guerra sem ninguém me difamar. (versão 1403)

E, ainda, num diálogo entre a donzela e uma voz que, embora não seja explicitamente identificada no contexto interno do romance, é de supor corresponder a uma personagem masculina:

Se me quiserem perguntar, a casa do meu pai vão falar.
- Menina que está no meio dê o ponto miudinho,
´inda espero de romper, das suas mãos, num colarinho. (versão 1406)

[31] Como é bem conhecido, na Bíblia, e em particular no *Génesis*, a afirmação do "conhecimento" de um homem por uma mulher, ou vice-versa, implica a existência de contacto sexual entre ambos.

Tendo feito esta análise que engloba quase todas as variações do desenlace presentes no nosso *corpus*, ainda falta comentar duas versões singulares. A versão 1379 (de Bragança) possui um desfecho em forma de diálogo entre a donzela e um cavaleiro de nome Valdevinos. Quando este coloca a última prova à donzela – *ir a nadar* –, esta pede-lhe que entre primeiro na água, fingindo preparar-se para fazer o mesmo, mas na verdade apronta-se para partir, declarando:

- Entra, entra, Valdevinos, que eu me estou a desapertar!
Olá, olá, Valdevinos, querias ser o meu amor;
Andei sete anos na guerra, ´inda levo a minha flor.
- Espera, espera, Martucho, que te quero acompanhar.
- De lombeiro em lombeiro ainda me podes avistar. (versão 1379)

A viva linguagem do diálogo parece desenrolar perante o ouvinte/leitor quadros sucessivos: aproveitando o momento em que o companheiro entra na água, a donzela prepara-se para partir a cavalo, ao mesmo tempo que revela a intenção do soldado. Evidentemente "*a minha flor*" é a metáfora da virgindade da donzela, que ela quer manter em face da perseguição. O último verso revela a irónica recusa da protagonista formulada com suficiente subtileza e ambiguidade para poder ser entendida como um convite, pondo em realce a imagem de uma donzela determinada e perspicaz[32].

Quanto à versão 1423, a sua singularidade mostra-se ao longo de todo o discurso. Nessa versão, o pai só possui duas filhas, e o questionamento em torno da diferenciação de género é mais prolongado, abrangendo desde os cabelos até aos quadris, pernas e pés. A partir do ponto em que começa a secção das provas, surgem três hemistíquios que, primeiramente, servem de introdução ao processo, e depois, ligeiramente modificados (altera-se apenas "*mal lo viu*" para "*que tal ouve*"), constituem refrães que ressurgem repetidas vezes até ao final. Além disso, curiosamente na última prova, à proposta de "*ir no rio nadar*", responde a donzela:

- Águas doces são p´ra damas, quem las fora convidar,
porém nã servem p´ra homens, senão águas de la mar.

Depois desta resposta, começa o refrão e o desenvolvimento da parte final do romance:

Filho d´el-rei, que tal ouve, morto fica de paixão.
nã foi sequer la palácio, pedir à mãe la bênção,
desatou a suspirar penas do seu coração.

[32] É interessante notar como este verso, de claro efeito cinematográfico, relembra imageticamente o dístico da balada da Mulan em que esta «Avança pressurosa para o campo de batalha, atravessando as escarpas veloz como quem voa». O movimento das protagonistas, contudo, efetua-se em sentidos inversos e com propósitos opostos: Mulan avança para a guerra, onde irá assumir a sua identidade masculina; a donzela portuguesa deixa para trás a guerra e o ciclo do seu travestimento.

- Vossos olhos, D. Martinho, sabei-lo, me matarão,
no corpinho sereis homem, los olhos de mulher são.
D. Martinho, namorado, nã pôde dizer que não.
- Sete anos andei nas guerras de França contra Aragão;
Suspeitastes-me dos olhos, mas doutras suspeitas não.
Nisto vem um mensageiro uma carta lhe entregar.
- Que tendes vós, D. Martinho, que tanto vos faz chorar?
- Esta carta que me diz que meu pai está a acabar
e duas irmãs que semos, semos ambos por casar;
Se quereis sê´lo meu marido, minha mão vos quero dar.
Filho d´el rei, que tal ouve, já nã morre de paixão
e lá se vai a palácio, tomar da mãe la bênção;
lá se vai com D. Martinho, sem penas no coração.

Torna-se óbvio que, nesta versão, o enredo não se desenrola a partir da perspetiva da donzela mas, muito pelo contrário, da da personagem do príncipe, centrando-se no sofrimento amoroso deste. O deslocamento do olhar é tão completo que o futuro casamento parece estar vinculado ao palácio da mãe do filho d´el rei, em vez de à casa do pai da donzela. Trata-se de um romance muito parecido com o conto popular de tema amoroso, diminuindo extraordinariamente o peso do papel feminino na construção poética do romance.

Voltamos finalmente à balada chinesa. Sabe-se que Mulan escolhe voltar para o seu doce lar, onde os pais e os irmãos se preparam para a receber. Dá-se a tão esperada reunião familiar, momento de euforia. O olhar centra-se em seguida na forma como Mulan retoma a sua identidade feminina, uma inversão da androginização que analisámos anteriormente. A feição feminina de Mulan espanta todos os elementos da companhia que a acompanharam a casa: «- Lutando doze anos lado a lado, nunca soubemos que Mulan era rapariga.». Enfatizando o sucesso absoluto do disfarce de Mulan, a balada encerra com quatro versos que, alegórica e humoristicamente, manifestam a ideia de que a desigualdade entre os sexos não é "natural", mas construída:

O coelho macho saltarilha
o coelho fêmea semicerra os olhos.
Quando correm dois coelhos lado a lado,
quem sabe distinguir a fêmea do macho?

A cena em que o coelho macho e a fêmea correm «lado a lado» convoca simbolicamente a cena guerreira em que Mulan e os companheiros lutam juntos. Os últimos versos da balada, de sentido proverbial, parecem querer anular, ou pelo menos justificar, à luz de uma ordem do mundo mais abrangente, a da natureza, a aparente transgressão da ação de Mulan – embora mulheres e homens possam ser vistos como fisicamente diferentes, há situações em que essa diferença perde todo o significado.

Considerações finais

Conquanto as duas donzelas guerreiras de que nos ocupámos iniciem os seus percursos num mesmo ponto de partida, os caminhos que percorrem são divergentes. Na balada chinesa, a narração tem sempre o seu foco na personagem Mulan, cujas ações e cujos estados psicológicos se manifestam simultânea ou alternadamente. No grande pano de fundo da guerra, a família e a pátria – com base nas quais se estabelece o sentido de coletividade que os chineses sempre valorizaram – constituem as verdadeiras tessituras socioculturais para a construção de uma imagem guerreira. A fidelidade para com a pátria – representada pela obrigatoriedade de o pai ir combater quando é recrutado –, bem como a piedade filial, legitimam os atos aparentemente transgressores de Mulan. A preocupação com o pai, as saudades que sente durante a sua trajetória guerreira, a grande vontade que tem de regressar a casa, e a alegria que manifesta ao retomar a identidade feminina, tudo isto configura uma imagem da filha afetuosa que considera a família como prioridade.

No romance tradicional português, a focalização da narrativa vai sendo transferida à medida que muda o locutor do diálogo. No enredo, a guerra somente exerce um papel funcional, de desencadeador da ação, ou um papel simbólico, se considerarmos o isomorfismo entre os campos da guerra e do amor. O romance, agrupado por Almeida Garrett no volume dos "antigos romances cavalheirescos", conta na verdade uma história cujo padrão pode ser encontrado nas novelas cavaleirescas medievais[33]. Porém, na aventura ou "demanda" que a nossa protagonista empreende, os "inimigos" que tem de enfrentar e "combater" são representados pelo seu pai e pelo capitão/filho do rei. O primeiro, questiona o disfarce da sua identidade; o segundo, quer retirar a sua máscara. Observa-se, quer na androginização, quer nas provas, que o núcleo do enredo incide sobre a tensão entre o masculino e o feminino, que, num nível de conhecimento mais abrangente, poderá ser trabalhada e interpretada na perspetiva proporcionada pela psicologia junguiana, como um conflito entre a emancipação e a repressão do *animus* da donzela[34]. Por outro lado, na maior parte das versões estudadas, esta tensão emerge, de forma codificada mas evidente, na apropriação poética de situações sociais altamente significativas, marcadas pelo «symbolisme de la séparation et de l'occultation prénuptiale et des épreuves dilatoires auxquelles se soumettent mutuellement les futurs

[33] Frye, 2000, pp. 186-188.

[34] Esta e outras observações sobre a complexidade que a relação entre o feminino e o masculino apresentam no romance suscitam interrogações e requerem um enquadramento teórico eficaz. Relembramos, a este propósito, o queixume amoroso do capitão/filho d´el rei, que acima equacionamos com uma situação parodiante da cantiga de amigo, mas que, mais do que isso, poderá revelar-se parte de uma rede de significados mais profundos. De facto, na economia global do texto, este queixume parece configurar, simetricamente, a revelação da *anima* da personagem masculina. Poderíamos levar mais longe esta linha de pesquisa. Porém, para não alongar excessivamente o artigo, limitamo-nos aqui a levantar esta hipótese de análise futura.

partenaires d'une union exogamique»[35]. Assim, ao voltar a casa, a donzela traz, para «o pai», «o seu genro», abrindo a possibilidade da continuação, por transmissão feminina, da linhagem ameaçada de extinção. A aventura da nossa protagonista é, pois, coroada por um final feliz que vai além da felicidade imediata da donzela retornada ao lar, redundando num benefício a longo prazo para a linhagem/comunidade familiar.

Apesar de, em sociedades feudais e patriarcais como aquelas em que nascem a balada chinesa e o romance português, a identidade da mulher ser sempre construída a partir dos papéis que desempenha em relação ao sexo dominante, conseguimos entrever, na heterogeneidade textual do romance Donzela Guerreira, algumas imagens femininas de autonomia, e mesmo uns balbuceios de vozes feministas. Ainda que débeis, estas vozes foram guardadas pela memória (e pelos trabalhos dos recolhedores!), encontrando o seu eco, hoje ainda, na metáfora proverbial que encerra a balada de Mulan.

Bibliografia

Fontes

Ferré, Pere (2000), *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna, versões publicadas entre 1828 e 1960*, com a colaboração de Cristina Carinhas, Ramon dos Santos de Jesus e Eva Parrano, 4 voll., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Guo, Maoqian (2016), *Yuefu Shiji (Coleção dos Poemas de Yuefu)*, Shanghai, Shanghai Classics Publishing House.

Estudos

Amaro, Ana Maria (2006), «Fák Mo Lan/ "A Donzela Que Foi à Guerra"», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 6, pp. 51-76.

Armistead, Samuel G. (1997), «Correspondências Pan-europeias», *in* Manuel da Costa Fontes *et al.* (coord.), *O Romanceiro Português e Brasileiros: Índice Temático e Bibliográfico*, 2 voll., Madison, The Hispanic Seminary of Medieval Studies, vol. II, pp. 624-644.

Araújo, Maria Teresa Alves (1989), «Alguns símbolos da tradição: a "Donzela Guerreira" e outros discursos paralelos», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 4, pp. 69-78.

[35] Delpech, 1986.

Correia, João David Pinto (2003), *Romanceiro Oral da Tradição Portuguesa*, Lisboa, Edições Duarte Reis.

Delpech, François (1986), «La "Doncella guerrera": Chansons, contes, rituels», *in* Yves-René Fonquerne e Aurora Egido (coords.), *Formas breves del relato*, Zaragoza, Publicaciones de la Universidad de Zaragoza, pp. 57-86.

Eliade, Mircea (1957), *Mythes, Rêves et Mystères*, Paris, Gallimard.

Entwistle, William (1939), *European Balladry*, Oxford, Oxford UP, 1939.

Ferré, Pere (2011), «Crítica Textual e Romanceiro. Breves Notas», *in* Isabel Morijão e Zulmira Santos (coords.), *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil, Homenagem a Arnaldo Saraiva*, Porto, CITCEM/Edições Afrontamento, pp. 285-291.

Ferré, Pere (2017), «O Romanceiro em Portugal (1960-2007)», *Santa Barbara Portuguese Studies*, 9, pp. 72-93.

Frye Northrop (2000), *Anatomy of Criticism: Four Essays*, Princeton, Princeton University Press.

Galvão, Walnice Nogueira (1998), *A Donzela Guerreira. Um Estudo de Gênero*, São Paulo, Editora SENAC.

Huang, Dezhang 黄德彰(1982), «Dongge xige bian»东阁西阁辨, *Yuwen jiaoxue tongxun* 语文教学通讯, 2, p. 27.

Irizarry, Estelle (1983), «Echoes of the Amazon Myth in Medieval Spanish Literature», *in* Beth Miller (ed.), *Women in Hispanic Literature. Icons and Fallen Idols*, Berkeley, University of California Press, pp. 53-66.

Lebedynsky, Iaroslav (2009), *Les Amazones: Mythe et realité des femmes guérrières chez les anciens nomades de la steppe*, Paris, Errance.

Libis, Jean (1980), *Le Mythe de l'Androgyne*, Paris, Berg.

Maia, Helder Thiago (2019), «Trangressões canônicas: Queerizando as donzelas-guerreiras», *Cadernos de Literatura Comparada*, 39, pp. 91–108. DOI: https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp39a6 [Consultado a 25/01/2021].

Maintier-Vermorel, Estelle (2011), «"*De feminis decimus mentionem*". *Les Amazones de Rodrigue de Tolède: le mythe au service du pouvoir des femmes*», *e-*

Spania [Online], 11 , URL: http://journals.openedition.org/e-spania/20392; DOI: https://doi.org/10.4000/e-spania.20392 [consultado a 25/01/2021].

Mckendrick, Melveena (1974), *Women and Society in the Spanish Drama of the Golden Age: A Study of the «Mujer varonil»*, London, Cambridge University Press.

Meireles, Cecília (1960), «Uma Antepassada da Donzela-Guerreira», *in Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida*, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, pp. 53-57.

Ocaña, Isabel Navas (2008), «Lecturas Feministas de la Épica, los Romances y las Crónicas. Medievales Castelhanas», *Revista de Filología Española*, 88 (2), pp. 325-351.

Pidal, Ramón Menéndez (1963), *Flor Nueva de Romances Viejos*, Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina.

Pires, Natália Albino (2005), «O Léxico dos Romances Carolíngeos da Tradição Oral Moderna. Portuguesa Editados entre 1820 a 1960: Uma Amostra», *in* Ana Sofia Laranjinha e José Carlos Miranda (dir.), *Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica da Literatura Medieval*, Porto, Universidade do Porto, pp. 230-242.

Pires, Natália Albino (2017), «Do Mal aos Males no Romanceiro da Tradição Oral Moderna. Portuguesa», *Abenámar. Cuadernos de La Fundación Ramón Menéndez Pidal*, 2, pp. 133-150.

Sanz, Óscar García (1998), «Amazonas: una realidad histórica para la tradición occidental y la del nuevo mundo», *Analecta Malacitana,* 21 (2), pp. 609-622.

Silva, Anabela Maria Malta da (2010), *"A Donzela Guerreira". Confluências Literárias*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Slater, Candace (1979), «The Romance of the Warrior Maiden: A Tale of Honor and Shame», *in* Samuel G. Armistead, Antonio Sánchez Romeralo e Diego Catalán (dir.), *El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía Critíca*, Madrid, Cátedra/Seminario Menéndez Pidal, pp. 167-182.

Testart Alain (2002), «Les Amazones entre mythe et réalité», *L'Homme*, 163, pp. 185-194.

Vasvári, Louise (2006), «Queering the donçella guerrera», *Calíope*, 12 (2), pp. 93-117.

Zhang, Xinlu 张馨露(2015), *Mulan Shi Xiangjie (Estudos Minuciosos da Balada de Mu Lan)*木兰诗详解, 2 voll., Taibei, Editora Zhizhi Xueshu.

Zhou, Zuyan (2003), *Androgyny in Late Ming and Early Qing Literature*, Honolulu, University of Hawaii Press.

Anexo 1

a)

BALADA DE MULAN 木兰诗

Versão bilingue[36]

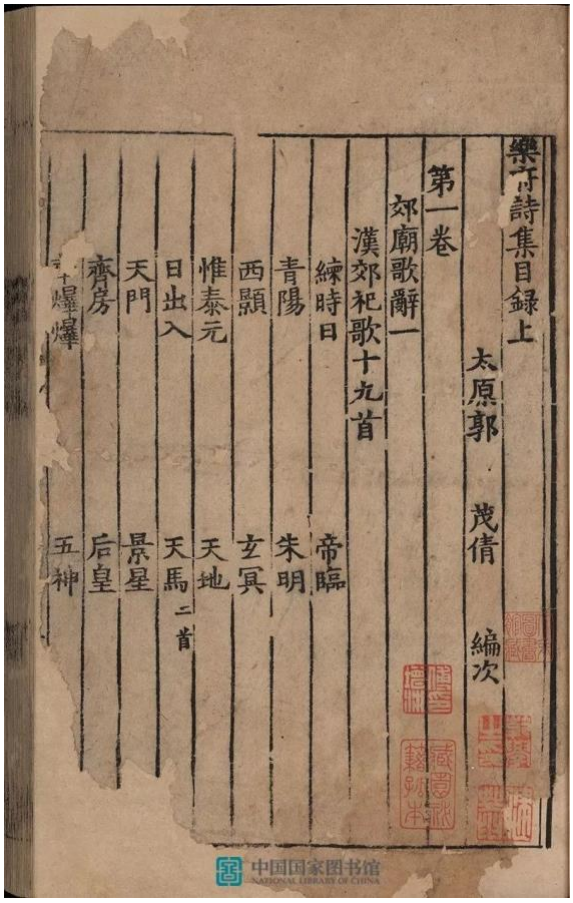
Tsi-tsi, tsi-tsi…	唧唧复唧唧
Junto à janela Mulan tece	木兰当户织
Não se ouve o som do tear	不闻机杼声
Mas a donzela a suspirar.[37]	未闻女叹息
- O que estás a pensar?	问女何所思
O que estás a recordar?	问女何所忆
- Nada me ocupa o pensar,	女亦无所思
nada estou a recordar.	女亦无所忆
É o édito do Imperador,	昨夜见军帖
que ontem à noite eu vi.	可汗大点兵
Doze rolos de recrutar,	军书十二卷
em cada um o nome do pai.	卷卷有爷名
O pai não tem um filho com idade para lutar,	阿爷无大儿
eu não tenho um irmão mais velho.	木兰无长兄
Quero comprar um cavalo,	愿为市鞍马
e ir à guerra no lugar do pai.	从此替爷征
No mercado do Leste Mulan comprou um corcel,	东市买骏马
no do Oeste, a sela,	西市买鞍鞯
no do Sul, o freio,	南市买辔头
no mercado do Norte, um chicote comprido.	北市买长鞭
Quando o sol nasce despede-se dos pais,	旦辞爷娘去

[36] Tradução para português da autora, com a colaboração de Maria do Rosário Ferreira e de Cristina Zhou, a quem expressa os seus agradecimentos.

quando se põe, pernoita na margem do Rio Amarelo.	暮宿黄河边
Não ouve a afetuosa voz dos pais,	不闻爷娘唤女声
mas os furiosos bramidos das ondas.	但闻黄河流水鸣溅溅
Quando o sol nasce parte do Rio Amarelo,	旦辞黄河去
quando se põe, pernoita no Monte Negro.	暮宿黑山头
Não ouve a afetuosa voz dos pais,	不闻爷娘唤女声
mas os agudos relinchos vindos do Monte Tártaro.	但闻燕山胡骑鸣啾啾
Avança pressurosa para o campo de batalha,	万里赴戎机
atravessando as escarpas veloz como quem voa.	关山度若飞
O vento norte traz os ecos do gongo da sentinela,	朔气传金柝
o luar frio refulge nas couraças de ferro.	寒光照铁衣
Em centenas de batalhas, ao longo de dez anos,	将军百战死
generais e soldados, uns morreram, outros voltaram.	壮士十年归
Voltaram para junto do Imperador,	归来见天子
o Imperador recebe-os na Sala de Audiência.	天子坐明堂
Todas as honras e galardões	策勋十二转
oferece a inúmeros guerreiros.	赏赐百千强
O Khan pergunta o que quer Mulan.	可汗问所欲
Ela não quer altos cargos na corte,	木兰不用尚书郎
pede só um camelo veloz,	愿驰千里足
que a leve para casa feliz.	送儿还故乡
Sabendo do regresso da filha,	爷娘闻女来
os velhos pais amparam-se para saírem ao encontro dela.	出郭相扶将
Sabendo do regresso da irmãzita,	阿姊闻妹来
a irmã mais velha penteia-se à janela.	当户理红妆
Sabendo do regresso da irmã mais velha,	小弟闻姊来
o irmãozito afia a faca para matar um porco e uma ovelha.	磨刀霍霍向猪羊

Mulan abre a porta Leste do seu quarto,	开我东阁门
Senta-se no leito Oeste da sua câmara.	坐我西阁床
Despe-se da roupa de combate,	脱我战时袍
e veste-se da cabaia de donzela.	著我旧时裳
Junto à janela, frente ao toucador,	当窗理云鬓
penteia-se e enfeita-se.	对镜贴花黄
Sai a ver os seus companheiros,	出门看火伴
todos eles ficam espantados:	火伴皆惊忙
- Lutando doze anos lado a lado,	同行十二年
nunca soubemos que Mulan era rapariga.	不知木兰是女郎
O coelho macho saltarilha,	雄兔脚扑朔
O coelho fêmea semicerra os olhos.	雌兔眼迷离
Quando correm dois coelhos lado a lado	双兔傍地走
quem sabe distinguir a fêmea do macho?	安能辨我是雄雌

b)


樂府詩集目録上

太原郭 茂倩 編次

第一卷

郊廟歌辭一

漢郊祀歌十九首

練時日 帝臨

青陽 朱明

西顥 玄冥

惟泰元 天地

日出入 天馬二首

天門 景星

齊房 后皇

五神

中国国家图书馆

A primeira página do índice do mais antigo testemunho de *Yuefu Shiji* (Coleção dos poemas de Yuefu), datado da dinastia Song, entre os séc. XII e XIII.

c)

O mais antigo testemunho de «Balada de Mulan», impressa em 1341, também guardada na Biblioteca Nacional da China. Note-se a escrita vertical própria da língua chinesa antiga.

Para ouvir a balada recitada em cantonês, que realça o ritmo e as rimas melhor do que o mandarim, consultar: https://www.youtube.com/watch?v=RupNm64cU_s

Anexo 2

Guerreiro de terracota. Peça datada da Dinastia Chi do Norte (Bei Qi), guardada no Museu de Arte de Filadélfia (EUA).

Anexo 3

Tabela comparativa dos campos lexicais nas 42 versões do romance

ABERTURA

Nº do texto versão	Local da distribuição	Seção temática				
		Guerra	Lamentação do pai/da mãe	Maldição (à mãe/ao pai)	Filha	Qualidade da filha
1378	Desconhecida	(v.) se apregoam (loc.) campos de Aragão	(intrj.) ai de mim (adj.) velho (v.) sou; acabarão (n.) guerras		(loc.) a filha mais velha (v.) responde; Venham; serei (n.) armas e cavalo; filho barão	com toda a resolução
1379	Bragança	entre França e Aragão	(n.) sete filhos (v.) nenhum te saiu varão	(v.) Arrebenta das telas do coração (n.) Catalina	(loc.) a filha mais velha (v.) Respondeu; Cale-se lá; não me bote; irei servir (n.) maldição; o rei	filha de benção
1380	Bragança		(adj.) triste; velho (v.) estou; tenho acabarão; (n.) guerras; homem varão sete filhas		(loc.) a filha mais nova (v.) Responde; arranje; serei (n.) espada e cavalo; homem varão	filha de liberação
1384	Bragança		(v.) tiveste; saiu (n.) sete filhinhas (nem uma) barão	(v.) Mal o haja tu (n.) mulher; o teu coração	(loc.) a mais nova (v.) Respondeu; dei; servo de (n.) armas e cavalos; capitão	filha de benção
1385	Bragança		(v.) tivemos; saiu (n.) sete filhas (nenhuma) varão	(v.) Mal o hajas tu (n.) mulher; la tua condição	(v.) Cale-se lá; não bote; irei para; servir de (n.) meu pai; maldição; guerra; capitão	

1386	Bragança	entre França e Aragão	(adj.) triste; velho (v.) estou; acabarão; tiveste; sair (n.) sete filhas; guerras (nenhuma) varão	(v.) Mal o hajas tu (n.) Helena; la tua geração	(loc.) a filha mais velha (v.) Respondeu Calemos (x2) não deite; irei servir; (n.) meu pai; tal maldição; o rei	mulher de razão
1387	Vila Real		(n.) sete filhos; (nem só) um filho varão; guerras (v.) tive; estou; me acabarão; saiu (adj.) velho		(loc.) a filha mais nova (v.) dê; vou servir de (n.) espada e cavalo; capitão	c´uma grande discrição
1388	Vila Real		(n.) sete filhas; (nenhum) varão; (v.) tenho; tenho			
1389	Vila Real				(n.) meu pai; guerra filho varão (v.) vou; servir de	
1390	Braga				(v.) dai; serei (n.) armas e cavalo filha varão	
1393	Viana do Castelo		(adj.) velho (v.) estou; acabarão; tenho; saiu (n.) guerras; sete filhas varão		(loc.) a mais velha (v.) Respondeu; dê; serei (n.) cavalos e armas; filho varão	com toda a discreção
1394	Porto		(n.) sete filhas; um varão (v.) tenho; tivera		(v.) (não) se agonie; serei (n.) meu pai; capitão	
1395	Porto	(v.) se começam no campo de D. Barão	(adj.) triste; velho (v.) sou; acabarão (n.) guerras		(v.) dê; serei (n.) armas e cavalo; seu filho varão	
1396	Porto		(n.) sete filhas	(v.) Mal hajas tu;	(loc.) a filha mais nova	

			(nenhuma) varão (v.) temos; saiu	mal haja (n.) rainha; a tua geração	(v.) estando; ouvindo; diz; Sou; Dê; sirvo de (n.) num quarto; varão espada e cavalo; capitão	
1397	Porto		(n.) sete filhas (nenhuma) varão (v.) temos; saiu	(v.) Mal hajas tu; mal haja (n.) rainha; a tua geração	(loc.) a filha mais nova (v.) diz; Sou; Dê; sirvo de (n.) varão; espada e cavalo; capitão	
1398	Porto		(intrj.) ai de mim (v.) vou; acabarão; tive; ser (n.) guerra; guerras três filhas; (sem nenhuma) varão		(loc.) a mais nova (v.) respondeu; vou (n.) meu pai; guerra; (no seu) cavalo Rondão	com grande discrição
1399	Porto		(intrj.) ai de mim (v.) estou; acabarão; tenho; ser (adj.) velho (n.) guerras; sete filhas; (sem nenhuma) varão		(v.) Mande; vir; verá (n.) um cavalo; um filho varão	
1400	Guarda	(v.) estão armadas (loc.) entre França e Aragão	(intrj.) ai de mim (v.) estou; não as posso vencer (adj.) velho		(loc.) a filha mais nova (v.) respondeu; dê; vencerão (n.) meu pai; armas e cavalo; as guerras	com grande prontidão
1402	Castelo Branco		(n.) sete filhas (nenhuma) varão (v.) tive; ser	(v.) Mal hajas tu (n.) mulher; a tua condição	(v.) Cale-se aí; não dê; sou; posso ser (n.) meu pai; maldição; mulher	

					varão	
1403	Castelo Branco	(v.) andam armadas (loc.) os campos de Marvão	(intrj.) ai de mim (v.) sou; (não as) posso vencer; tiveste (adj.) velho (n.) sete filhas; (nenhuma) varão	(v.) Mal o hajas tu (n.) Cat´rina; la tua geração	(loc.) a filha mais velha (v.) Responde; Cale-se lá; não tenha; irei servir (n.) meu pai; paixão; rei; capitão	
1404	Castelo Branco	(v.) vão armadas (loc.) as bandas de Marvão	(intrj.) ai de mim (v.) sou; (não as) posso vencer; (adj.) velho		(v.) Cale-se; não tome; irei servir (n.) pai da minha alma; paixão; guerra; capitão	
1405	Castelo Branco	(adj.) grandes (v.) estão armadas (loc.) entre França e Aragão	(n.) sete filhas; (nenhuma) varão (v.) tiveste; ser	(v.) Mal o hajas tu (n.) mulher; a tua criação	(loc.) a mais velha (v.) respondeu; dê; irei (n.) armas e cavalo; capitão	com todo o seu coração
1406	Castelo Branco		(n.) sete filhas; (nenhuma) varão (v.) tiveste; ser	(v.) Mal hajas tu (n.) mulher; a tua geração	(loc.) a mais nova (v.) vem; vou a servir de (n.) capitão	
1407	Castelo Branco		(n.) sete filhas; (nenhuma) varão (v.) tiveste; ser	(v.) Mal hajas tu (n.) mulher; a tua parição	(loc.) a sua filha mais nova (v.) Cale-se aí; não deite; serve de (n.) meu pai; maldição; varão	
1408	Beira Baixa	(v.) vão armadas (loc.) entre França e Aragão	(intrj.) ai de mim (v.) estou; não as posso vencer; tenho (adj.) velho (n.) sete filhas (nenhuma) varão		(loc.) uma mais nova (v.) respondeu; respondeu venha; serei (n.) uma espada e cavalo; capitão	com razão

1409	Portalegre	(v.) se apregoam (loc.) entre França e Aragão	(intrj.) ai de mim (adj.) velho (v.) sou; matarão; tenho; saiu (n.) guerras; sete filhas; (nenhuma) varão		(v.) dai; quero ir ser (n.) Pai; armas e cavalos; capitão	
1410	Portalegre	(v.) são armadas (loc.) nas costas do Maranhão	(n.) filha (v.) estou; (não as) posso vencer; (adj.) velho		(v.) dai; irei (n.) armas e cavalos; capitão	
1412	Portalegre	(v.) se apregoam (loc.) nos campos de Maravão	(intrj.) ai de mim (adj.) velhilho (v.) sou; matarão; tenho; saiu (n.) guerras; três filhinhas; (nenhuma) varão		(loc.) a filha mais nova (v.) responde; Venham; serei (n.) espadas e cavalos; seu filho varão	com toda a discrição
1413	Santarém	(v.) vão armadas (loc.) p´r os campos d´ Aragão	(intrj.) ai de mim (v.) sou; não posso lá ir; tenho; ser (adj.) velho (n.) três filhas (não uma) varão		(loc.) a mais nova (v.) respondeu; Venha; irei (n.) sela e cavalo; capitão	com muita razão
1414	Leiria		(intrj.) ai de mim (v.) sou; acabarão; tenho; tenho (adj.) velho (n.) três filhas (não um) filho varão		(loc.) a mais novinha (v.) responde; dê; serei (n.) cavalo e espada; filho varão	de alto e bom som
1415	Lisboa		(n.) sete filhas; (nenhuma) varão (v.) tiveste; ser	(v.) Mal hajas tu (n.) mulher; o leite que mamaste	(loc.) a mais novinha (v.) Respondeu; Cale-se aí;	por ter menos discrição

					não deite; dê; servirei de (n.) mê pai; maldição; espada e cavalo; capitão	
1417	Lisboa		(v.) Indo; vi; deste; ser; responder; (n.) espelho; rosto; sete felhinhas (nenhuma) varão; Batalha; rei D. João (adj.) malfadado	(v.)Malaçoado marido	(loc.) a sua filha mais nova (v.) Cale-se; não deite; dê; sou; sê (n.) minha mãe; maldição; espada; farda; filho varão	
1419	Faro	(v.) se apregoavam (loc.) à porta do D. Barão	(intrj.) ai de mim (v.) estou; não as posso vencer; tenho; ter (adj.) velho (n.) guerras; sete filhas; um filho varão		(loc.) a mais nova (v.) respondeu; venham; quero ser (n.) armas e cavalos; seu filho varão	com uma grande discrição
1420	Faro	(v.) se começam (loc.) nos campos de Mazagão	(adj.) triste; velho (v.) sou; matarão; tenho; ser (n.) guerras; sete filhas (nenhuma) barão		(loc.) a filha mais velha (v.) responde; dê; serei; vencerei (n.) armas e cavalo; filho varão; guerra; campos de Mazargão	a filha de bendição
1421	Faro	(v.) começam (loc.) no campo de Mazagão	(intrj.) ai de mim (v.) estou; matarão; tenho; ser (adj.) velho (n.) guerras; sete filhas; (nenhuma) varão		(n.) Leonor; lança; coroa; ceptro; Mazargão (v.) respondeu; dê; irei	como entendida com razão

1422	Faro	(v.) se apregoaram (loc.) na praia do Adragão	(v.) ter; ter (n.) três filhas fêmeas; um filho barão	(loc.) a filha mais moça (v.) Respondeu; pareçam; serei (n.) armas e cavalo o seu filho barão	com grande resolução
1423	Ilha da Madeira	(v.) se apregoam (loc.) de França contra Aragão	(adj.) cuitado de mim velho (v.) sou; são; tenho; ser (n.) guerras; duas filhas (nenhuma) varão	(loc.) la mais moça (v.) respondeu; dai; serão (n.) armas e cavalo guerras	de seu forte coração
1424	Ilha da Madeira	(v.) se apregoam (loc.) de França com Aragão	(v.) posso fazê-las; darão; ser (n.) guerras; cabo tantas filhas (nenhuma) varão	(loc.) la mais velha (v.) respondeu; armai; serei; farei (n.) Pai; cavaleiro homem; mulher (não); guerras; de França com Aragão	do seu leal coração
1427	Ilha de S. Jorge	(v.) se apregoam (loc.) entre França e Aragão	(intrj.) ai de mim (adj.) pobre; velho (v.) acabarão; tenho; ter (n.) guerras; três filhas; um filho varão	(loc.) a filha mais moça (v.) responde; venham; quero ser; quero ir vencer (n.) armas e cavalo filho varão; as guerras; entre França e Aragão	por ter grande discrição
1428	Ilha de S. Jorge		(intrj.) ai de mim (adj.) pobre; velho (v.) acabarão; tenho; ter (n.) guerras; três filhas; um filho varão	(loc.) a mais moça (v.) respondera; dê; serei (n.) meu pai; o seu cavalo D. Varão;	com toda a deliberação
1429	Ilha Terceira	(v.) se apregoam	(intrj.) ai de mim	(loc.) a filha mais velha	com toda a resolução

		(loc.) entre França e Aragão	(v.) sou; não nas posso brigar; tenho; ser (adj.) velho (n.) sete filhos; (nenhum) barão	(v.) responde; Venham; serei (n.) armas e cavalo; filho barão	
1433	desconhecida		(intrj.) ai de mim (v.) sou; acabarão; tenho; ter (adj.) velho (n.) guerras; sete filhas; um filho varão	(loc.) a filha mais velha (v.) responde; Venham; serei (n.) armas e cavalos; seu filho varão	c´uma grande espertidão

ADROGINIZAÇÃO

Nº do texto versão	Local da distribuição	Seção temática						
		Questionamento do pai (*repetição)			Resposta - Solução da filha			Fala da filha (*refrão) / Narração
1378	Desconhecida	(v.) tendes conhecer- vos-ão	(n.) olhos ombros peitos mãos pés	(adj.) mui´lindos mui´ altos mui´ altos pequeninas delicados	(v.) passar pela; porei Sejam abaixarão Venha; faça Meterei Meterei; sairão	(n.) armada; olhos; no chão armas ombros alfaiate; jubão luvas botas	(adj.) pesadas justo compridas	*Venham armas e cavalo que eu serei filho barão.
1379	Bragança	(v.) tens	(n.) peitos barba na cara não	(adj.) grandes	(v.) Faça; faço ornar;	(n.) cano de prata; gibão peitos; telas do coração	(adj.) apertado	Sete anos andou na guerra como forte varão, conheceu-a Valdevinos, estando lendo a paixão, que levantou os olhos ao céu e murchos os baixou ao chão.
1380	Bragança	(v.) tens conhecerão	(n.) cabelo olhos peitinho pé	(adj.) crescido fagueirinhos crescido pequenino	(v.) Há; deitarem falarem, inclinarei Façam, encobrirão Façam, encobrirão	(n.) tesoura, terra, chão os (olhos); chão casaco bota	(adj.) largo comprida	Lá vai a filha mais nova, como sendo homem varão.
1384	Bragança	(v.) tende´ conhecerão	(n.) olhar pernas cabelo	(adj.) fagueiro delgadas grande	(v.) tendo não conhecerão; dea, engrossarão; dea, quer ver ir	(n.) casaco botas tisoura, chão	(adj.)	
1385	Bragança	(v.) Tendes conhecerão	(n.) cabelo olhos peito	(adj.) grande fagueiros grande	(v.) Dê, verá cair; olharem, lançarei Dê	(n.) tesouras, chão chão casaca, camelão	(adj.) (Do mais) fino	

1386	Bragança	(v.) Tendes conhecerão Tens	(n.) olhinhos peitinhos pé	(adj.) pretos grandes pequenino	(v.) inclinam-se; Fazem-se encobrirão Fazem-se encobrirão	(n.) olhinhos, chão fardas chão botas	(adj.) mais largas mais largas	Sete anos andou na guerra, camarada de um capitão; ò cabo de sete anos desconfiou o capitão.
1387	Vila Real	(v.) conhecerão dá vou mandar dar-te	(n.) cabelos olhos ombros filha, amor coração, um estalo. um dos criados, espada e cavalo.	(adj.) louros fagueiros altos	(v.) Dê, vê cair; olharem, olharei abaixarão	(n.) tesouras, chão chão peso, armas	(adj.)	E aquela menina amante um abraço ao seu pai deu; montando, foi para a guerra, e com valor combateu.
1388	Vila Real	(v.) Tendes conhecerão	(n.) cabelo olhos ombrinhos	(adj.) grande bonitos altos	(v.) Dê, deitarei; olharem, deitarei Dê, se abaixarão	(n.) tesouras, chão chão dragonas	(adj.) boas	
1389	Vila Real	(v.) tende´ conhecer- vos-ão	(n.) olhos ombrinhos pés	(adj.) fagueiros altos pequeninos	(v.) passar pela deitarei Dê, abaixarão apertem Meterei, sairão	(n.) gente, chão armas Correiinhas; coração botas	(adj.) bem pesadas apertadas	*Dê-me armas, ó meu pai, serei seu filho varão.
1390	Braga	(v.) tendes conhecer- vos-ão	(n.) olhos ombros mãos pé	(adj.) mui´ lindos mui´ altos muito lindas pequenino	(v.) passar por; botarei Dai, descerão Meterei, sairão Meterei; sairão	(n.) gente; chão armas luvas botas	(adj.) bem pesadas	
1393	Viana do Castelo	(v.) tendes conhecerão	(n.) cabelos peito pés mãos	(adj.) comprido alto pequeninos pequeninas	(v.) Deixai-me ver, caem; Meto, sairão Meto, sairão Meto, sairão	(n.) tesoura, chão colete butes luvas	(adj.)	

		Hades-te chamar	D. Carlos, D.Carlos de Montalvar					Dê-me cavalo e armas, diga-me como me hei-de chamar.
1394	Porto	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) olhos peitinho cabelo	(adj.) fagueiros grande grande	(v.) passar por, botarei Dê, amarro Dê, deitarei	(n.) homens, chão forda, coração tesouras	(adj.)	
1395	Porto	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) cabelo mãos pé peitos	(adj.) loiro pequeninas pequenino mui´altos	(v.) Dai, deito; Meterei, sairão Meterei, sairão Encolherei	(n.) tesouras, chão luvas botas coração	(adj.)	Dai-me armas e cavalo, serei seu filho varão.
1396	Porto	(v.) Tens conhecerão	(n.) cabelinho passinho olhinhos	(adj.) grande miúdo pequenos	(v.) Dê, vai; fazerei, for fazerei, for	(n.) tesouras, chão ocasião ocasião	(adj.) maiores maiores	*dê-me espadas e cavalo, qu´eu sirvo de capitão.
1397	Porto	(v.) Tendes conhecerão	(n.) pé peitinhos olhos cabelos	(adj.) pequeninho grandes pisqueiros grandes	(v.) veste-se, farão; dê, meto passar por, deito dê, vão	(n.) sapatos de homem; ligas, coração; homens, chão; tesouras, chão	(adj.) grandes	
1398	Porto	(v.) Tende´ conhecer-te- ão	(n.) cabelos ombros peitos pé olhos	(adj.) grandes mui´ altos mui´ grandes pequenino mui´ lindos	(v.) Dê; cairão Sendo, abaixarão Sendo, se sumirão Sendo, farão Andando, porei	(n.) chão armas coletes botas guerra, olhos, chão	(adj.) Pesadas; largos; compridas, compridos;	Bote-me, meu pai, bote-me, bote-me a sua bênção, que eu cá parto para a guerra no seu cavalo Rondão.
1399	Porto	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) cabelo olhos mãos andar	(adj.) grande formosos pequeninas miúdinho	(v.) Mande vir, faço cair; Andarei, sairão calçarei, sairão Trarei, (nunca) mudarão	(n.) tesouras, chão chão luvas passo, pernas	(adj.) apressado	
1400	Guarda	(v.) Tendes	(n.) cabelo	(adj.) grande	(v.) Dê, vê-lo-á cair;	(n.) tesoura, chão	(adj.)	

		conhecer-vos-ão	pé peitinhos	pequenino grandes	dê; dê, meterei	suas botas sua fa´xa, alma, meu coração	forradinhas de algodão forradinha de algodão	
1402	Castelo Branco	(v.) Tens conhecerão	(n.) cabelo olhos peito andar	(adj.) m. forte fagueirinhos forte miudinho	(v.) Dê, deitarei; passar por, deitarei; Dê, uno; passar por, darei	(n.) seu tesouro, chão homens, chão sua cinta, coração homens, passo	(adj.) de ganhão	
1403	Castelo Branco	(v.) Tens conhecer-te-ão Chamarão-te D. Martinho, filho de el-rei D. João.	(n.) cabelo olhos peitos mãos andar	(adj.) mui´ belo mui´ fagueiros muito belos muito mimosas delicado	(v.) Venha, (se) quer ver; passar por, inclinarei Faça, abaixarão se me queimarão passar por, darei	(n.) pente, tesoura chão chão casaco (com) frio hombres, passo	(adj.) largo da geada de ganhão	Ó meu pai, se eu for à guerra, como lá me chamarão?
1404	Castelo Branco	(v.) Tende´ conhecerão	(n.) olhos cabelo pêlos passos	(adj.) bem belos bem belo bem belos miúdinhos	(v.) passar por, abaixarão dê, irá dê, abaixarão passar por, s´alargarão	(n.) hombres, tesoura, chão cinta de seda hombres	(adj.)	
1405	Castelo Branco	(v.) Tendes conhecer-vos-ão	(n.) cabelo olhos peitos mãos pé passo	(adj.) louro fagueiros crescidos mui´ mimosas pequenino miúdo	(v.) Dê, verei cair passar por, ferrarei Mande fazer, aperte; virá, calejarão; Dê, encherei; passar por, farei	(n.) tesoura hombres, chão justilho, coração vento e chuva suas botas, (de) algodão hombres, passo	(adj.) de ganhão	

		Filha, se fores à guerra como te lá chamarão?						D.Martinho de Avisado, filho do rei D. João.
1406	Castelo Branco	(v.) Tendes conhecer-te vão	(n.) olhos peitos passo	(adj.) bem fagueiros bem belos delicado	(v.) passar por, deitarei dê, cingo passar por, darei	(n.) hombre, chão toalha, coração hombre, passo	(adj.) de ganhão	
1407	Castelo Branco	(v.) Tens conhecer-te vão	(n.) cabelo olhos peitos passo	(adj.) tão grande tão bonitos tão grandes tão curto	(v.) Dêem, deito; passar por, baixarei; apertarei, metê-los passar por, darei	(n.) tesoura, chão gente, chão coração ruas, passos	(adj.) de ganhão	Foi recebida em casa do filho dum capitão.
1408	Beira Baixa	(v.) Tendes conhecer-vos-ão	(n.) olhos cabelo mãos pé passo	(adj.) grandes longo muito brancas pequenino miúdo	(v.) passar por, abatê-los-ei venha, vê-lo-eis cair virão, farão Venham, crescerão passar por, darei	(n.) homens, chão; tesoura, chão sapatos homens, passo	(adj.) d´oiro calmas, geadas negras grandes de malhão	
1409	Portalegre	(v.) Tendes conhecer-vos-ão	(n.) cabelo olhos peitos andar	(adj.) lindo lindos lindos lindo	(v.) Mandá-lo-ei, cortar, atarei; sair, pregarei há-de haver, faça desapertar, meter Há-de haver, faça for a andar, faça	(n.) listrão corte, chão alfaiate,gibão peitos, coração sapateiro, botas, andar	(adj.) de joelhão de moitão	e quando daqui me for D. Marcos me chamarão.
1410	Portalegre	(v.) Tendes conhecer-vos-ão	(n.) mão peitos cabelos	(adj.) muito finas mui´ grandes mui´grandes	(v.) terão, mandarei fazer, (nunca) sairão terão, mandarei fazer, (nunca) sairão terão	(n.) remédio, luvas; remédio, farda; remédio,	(adj.)	*dai-me armas e cavalos, que eu irei por capitão.

		Dou-te armas e cavalos e dou-te a minha bênção.			dai, vê-los-ão cair	tesoira, chão		
1412	Portalegre	(v.) *Como podes, filha minha, filha, como seres varão? Tens conhecerão	(n.) cabelo mãos peitos pés olhos	(adj.) muito grande pequeninas grandes pequeninos pequeninos	(v.) venha, (se) quer ver cair Venham, haverão Venham, fazer Venham, olharem, assento	(n.) tesoura chão luvas três alfaiates, gibão botas olhos, chão	(adj.) das maiores justo de cordovão	*Venham armas e cavalos, serei eu filho varão.
1413	Santarém	(v.) Tendes conhecer-te-ão	(n.) pés cabelo	(adj.) pequeninos grande	(v.) venha, (não) tirarão venha, vê-lo-á cair	(n.) bota pente e tesoura chão	(adj.) joalheira	
1414	Leiria	(v.) tendes conhecer-vos-ão	(n.) peitinho ombrinhos mão pé olhos	(adj.) alto altos pequenina pequenino azuis	(v.) Mande chamar, talhe Sejam, abaixarão Mete,(nunca)sairão Mete,(nunca)sairão passar por, deitarei	(n.) alfaiate, gibão armas, ombros luvas; botas homens, chão	(adj.) justo pesadas	
1415	Lisboa	(v.) Tens conhecer-vos-ão	(n.) cabelo olhos peitos pé passo	(adj.) grande fagueiros grandes pequenino miudinho	(v.) Dê, virá-o cair; passar por, inclinarei; dê, apertarei-a; dê, encherei-as; passar por, darei	(n.) pente e tesoura chão homens, chão sua cinta, coração suas botas, algodão homens, passos	(adj.) de ganhão	
1417	Lisboa	(v.) *Ó filha, nõ pode ser, filha do mê´ coração, tens	(n.) cabelo olhos peitos ombros	(adj.) munto grande bonitinhos munto grandes munto largos	(v.) olharem, inclin´-os Dê, aperta ajustarão	(n.) chão mê´colete, coração	(adj.)	*Dê-me espada, dê-me farda, ê´sou sê´filho varão.

		conhecer-te-ão				alfaiates, costas, farda		
1419	Faro	(v.) *Ó filha, não vais a guerra, não vais lá, não. Tens conhecerão	(n.) cabelo olhos ombros peitos pés	(adj.) muito comprido muito lindos muito altos muito altos muito pequenos	(v.) Venha, vê-los-ei cair; Venha, se taparão; olharem, olharei Venham, abaixarão Venha, talhe, Venham, acrescentarão	(n.) tesoura, pente, chão chapéu chão armas alfaiate, roupão veias do coração botas	(adj.) bem carregadas bom, ´pertadinho e chegadinho bem compridas	*Venham armas e cavalos, quero ser seu filho varão.
1420	Faro	(v.) *Não irás a guerra, filha, logo te conhecerão: tens	(n.) cabelo olhos peito mãozinhas pezinhos corpinho	(adj.) de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não.	(v.) Dê, deitarei; olharem, olharei; Mando fazer, aperte; Mando fazer (nunca) se descalçarão metê-los-ei, (nunca) se descalçarão farei, estreite	(n.) tesoura, chão; chão; peitilho, coração; luvas botas farda, compleição	(adj.)	*dê-me armas e cavalo, quero ir a Mazagão.
1421	Faro	(v.) * Filha minha da minha alma,	(n.) peitos	(adj.) de mulher, de mulher, que d´homem não.	(v.) Mando fazer, aperte;	(n.) peitilho coração	(adj.)	

		filha do meu coração, tendes	pés olhos cabelo	de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não. de mulher, de mulher, que d´homem não.	Venham, crescerão Andarei; Dê, vê-los-á cair	sapatos (de) um lado (ao) outro, chão; tesoura, chão	grandes	*Dê-me lança, coroa e ceptro qu´eu irei p´ra Mazagão.
1422	Faro	(v.) Tindes, conhecerão	(n.) cabelo olhos ombros peitos mãos pés	(adj.) grande muito pretos muito altos muito altos pequeninas pequeninos	(v.) Venha, cairá; estiver conversando se prantarão; são, abaixarão faz-se, abaixarão Metirão-se; (nunca) sairão Metirão-se, (nunca) sairão	(n.) tesoira, chão chão armas farda luva bota	(adj.) carregadas bem justa	Abalou conde-barão, logo foi p´ra camarada dum capitão.
1423	Ilha da Madeira	(v.) Tendes / Tende´ conhecer-vos-ão	(n.) cabelos olhos rosto, sem barbas rosto ombros peitos mãos quadris pernas pés nome	(adj.) compridos formosos mui´ alvo erguidos altaneiros pequeninas largos grossas pequeninos de mulher	(v.) serão; sei, são; direi, sou, virão queimarão sejam, descerão abaixarão parecerão Vão, (nunca) verão adelgaçarão Levo	(n.) tesoiras de talhar, (de) mulher nã mocinho, barbas três dias, caminho, sóis armas, ombros coiraça, peitos guantas saiote, homens armadura sapatos (não) botas	(adj.) cortados, rentes mais formosos pesadas cingidos calçadas, grandes Apertadas de ferro, de cordovão	Venham armas e cavalo, las guerras p´ra mim serão. Vestida de suas armas, montando seu alazão, foi la donzela p´r´ às guerras, que nem que fosse varão. No cabo de sete anos, pazes assentadas são, vestido de suas armas, montando seu alazão,

					Me chamarei, tomarão	D. Martinho homem		passou à corte de França D. Martinho infanção.
1424	Ilha da Madeira	(v.) Tendes / Tende´, conhecer-vos- ão Tereis, Tomareis	(n.) cabelos olhar peitos rosto mão e pé medo, nas batalhas amores	(adj.) compridos acanhado tão altos tão alvo pequenos	(v.) Venham, se cortarão; esteja(com), nã porei esconderão me porem, bastam farão saberei ser falem d´, pagarão	(n.) tesoiras, (nest´) hora homens, olhos, chão armadura dois dias de verão Guantes, sapatas mão e pé homem, lança na mão amores	(adj.) trigueira grossas, grandes bem caro	Deu-lhe armas e cavalo e também sua bênção e la deixou ir p´r´às guerras, por nã ter filho varão.
1427	Ilha de S. Jorge	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) cabelo olhos ombros peitos mãos pé	(adj.) grande bonitos mui´ altos mui´ grandes fidalguinhas pequenino	(v.) Venha, vereis cair; falar, hei-de inclinar Venham, abaixarão Vou-me, fazer Metê-las-ei, (nunca) sairão Metê-los-ei, (nunca) sairão	(n.) pente e tesoura, chão (c´os) soldados, chão armas, ombros casa do alfaiate, gibão luvas botas	(adj.) carregadas apertado	Foi para casa do alfaiate, fazer apertado gibão, montou logo para a guerra, a brigar como varão.
1428	Ilha de S. Jorge	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) cabelo olhos beiços orelhas peitinhos mãos	(adj.) grande mui´ lindos vermelhos furadas altos muito lindas	(v.) Dê, vê-los-ei cair; falar, inclinarei-os olhar, se cerrarão tirarei, se cerrarão vestirei, aperte	(n.) pente e tesoura, chão (c´os) soldados, chão soldados, beiços brincos, buracos farda, coração luvas	(adj.)	

			pé	pequenino	Metê-las-ei, (nunca) sairão meterei, (nunca)sairão	botas		Vai D. Varão para a guerra, com toda a deliberação.
1429	Ilha Terceira	(v.) Tendes conhecer- vos-ão	(n.) olhos ombros peitos mãos pés	(adj.) mui´ vivos mui´ altos mui´ altos pequeninas delicados	(v.) passar por, porei Venham, abaterão venha, encolherão Venham, ficarão Calçarei, (nunca) sairão	(n.) armada, olhos, chão armas, ombros gibão, peitos guantes de ferro botas e esporas	(adj.) bem pesadas apertado compridas	
1433	Desconhecida	(v.) Tende´ conhecerão	(n.) cabelo olhos ombros peitos pernas	(adj.) grande bonitos mui´ altos bem grandes bem grossas	(v.) Venha, vereis caí-lo olharem, abaixarei Dê, se abaixarão Venha, talhe Dai, (não) sairão	(n.) tesoura, chão chão boa armadura alfaiate, gibão botas	(adj.) largo bem altas	

PROVAS

Nº do texto versão	Local da distribuição	Seção temática									
		Narração intercalada (e repetida) / Pedido - Resposta (repetida) entre o capitão e a donzela	Queixa do filho	Resposta da mãe/pai/dos pais			Resposta da donzela				Final da prova
							Reação		razão		
				proposta	Razão – "se for mulher"				Homem	Mulher	
1378	Desconheci-da	D.Marcos como discreto	pai, mãe dor, coração olhos D. Marcos	Convidai(x4) ir ao pomar vá jantar (fazei mesa cercar) ir feirar nadar	(há-de) pegar sentar pegar dar	maçã cadeiras baixas fitas desculpas	foi mirar deixando foi buscar foi pegar se propôs a ir nadar	lima baixas altas adaga	bela lima cheirar (Que…) bela adaga brigar	lindas maçãs levar (Quem lhas pudera) belas fitas levar	e, recebendo uma carta, pôs-se a ler e a chorar.
1379	Bragança		madre namoro, (x2) morro, coração olhos Martuchinho	Leva (x3) horta (a colher) tenda (a comprar) poço (a nadar)	(há-de) colher e deixar agradar te podes informar	dalguma coisa			espadas, adagas c´Mouros pelejar	cintos, faixas apertar	
1380	Bragança	-Queres… ó alferes novo, comigo…?	Minha mãe d´amores(x2) morro coração	Convida (x4) jardim passear;	(há-de) inclinar	flores			junquilho verde, varar	linda florzinha cheirar	

		-Vamos lá, ó camarada, não haja que demorar! Ela, como senhora discreta	olhos alferes novo	vir jantar; tarde ir passear; irdes a banhar	ir sentar inclinar dar	mais baixo lenços alguma escusa	foi sentar	mais alto	(Que… para soldado) lindo bonezinho figurar	(Que… para senhora) lindo lenço assear	
1384	Bragança		pai, mãe dor, coração olhos D. Martinho corpo de homem, olhos de mulher	Convida (x7) ir ao tear ir ao pomar ir ao jantar ir a dormir ir à tenda (...) ir nadar	(há-de) apalpar arregaçar apegar não querer despir apegar (...) arrecear	linho baixos renda	- Que santalhos baixos para homem sentar, mas quem está em terra alheia deve-se d´acomodar. - Tenho feito juramento, jurei de o não cobrar, mentes andiver na guerra de mi´espada não tirar.		facas, espadas brilhar	fitas, rendas dar a namorar	
1385	Bragança		olhos D. Martinho minha mãe matar-m´-ão corpo de homem, olhos de mulher	Roga (x4) ir à tenda ir ´ó pomar dormir ir nadar	(há-de) inclinar-se arregaçar não querer despir arrecear	renda			facas e pistolas batalhar	Fitas luvar (Que lhas pudera)	
1386	Bragança	e ela, como discreta... O capitão, não satisfeito... O capitão, como fino...	Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração olhos Martuchinho	Convida (x4) ir jantar; põe bancos altos e baixos ir passear à praça, ver jóias	inclinar	às jóias	foi sentar	altos	Lindas espadas mouros brigar	lindas jóias de ouro se assear lindos ferros engomar	

		O capitão desfardou-se... O capitão saiu do rio...		rio ir nadar ambos ir dormir não deixes tomar o sono	acobardar		- Entre lá, meu capitão, que tem no primeiro lugar; eu, como seu camarada, tenho de o acompanhar. o camarada ficou-se e queria-se desmaiar... vieram-se para casa e trataram de se deitar. deitaram-se par em par e não puderam dormir.			
1387	Vila Real	O general e Leão Marques pelo campo passeavam, e, reparando bem nele, os seus olhos lhe agradavam.	pai, mãe morro do coração olhos Leão Marques	Convida (x4) ir jantar ir dormir ir feirar ir nadar	(há-de) assentar não querer despir agradar não querer deitar	no baixo o verde 	se assentou não tirou	mais alto ceroulas	lindas espadas d´ouro guerrear	lindos vestidos verdes luxar
							Tinha uma bota descalça e outra por descalçar.			
1388	Vila Real		minha mãe morro do coração olhinhos D. Carlos	Convida (x5) jantar dormir passear feirar nadar	(há-de) sentar não querer despir dar tentar não querer deitar	no baixo passos curtos lenços	“-Oh, que belos assentos, feitos com todo o vagar, como estão altos e baixos para mulher se sentar!” “-Tenho feito juramento, protesto em não o quebrar, enquanto servir el-rei, minha farda não tirar.” “-Oh, que belos passeios, feitos com todo o vagar, como eles estão planhinhos para mulher passear!” “-Oh, que belas esporas para um homem picar, oh que belo espadim para um homem guerrear!”			- Tenha lá mão, D. Carlos, que lhe trago que contar, tem a sua mãe na tumba e o seu pai a expirar.

1389	Vila Real		minha mãe morro, abafo do coração olhos D. Marques	Convida (x4) ir pomar feirar dormir nadar	(há-de) atentar atentar descobrir declarar	fruta jóias			bela cidra cheirar belo espandim brigar	bela fruta levar belas jóias levar	- Alerta, senhor D. Marques, não se bote a nadar, trago-lhe aqui uma carta, carta de grande pesar.
1390	Braga		minha mãe morro, abafo do coração olhos D. Cales	Convida (x2x4) passear feira nadar	(há-de) atentar atentar dar	flores fitas mil escusas			forte cidrão cheirar fortes alças e chapéus comprar	forte flor levar forte fita levar	
1393	Viana do Castelo	D. Carlos, como discreto, se pôs/pusera logo a considerar	senhora mãe morro(x2), do coração olhinhos D. Carlos	Convidai (x4) ir feirar ir jantar ir deitar ir nadar	(há-de) pegar sentar escusar retirar	fitas baixo das ondas	passou por foi pegar passou por foi sentar (...) descalçar pôs-se	fitas arma baixos alto (...) botas ler e chorar	bela arma atirar belo alto sentar		
1394	Porto		Minha mãe Jesus, morro, abafo do coração olhos D. Caetano	Convida (x4) dormir jantar	(há-de) descobrir assentar	(homem) cadeira mais alta	"Quando me deu esta espada, o meu pai fez-me jurar de sempre a trazer comigo, de nunca mais a largar e, enquanto durar a guerra, de nunca a desapertar." "Oh, que tão baixas cadeiras, p´ra homens não tem lugar, venham cadeiras mais altas, nestas não me hei eu sentar!"				

				ir à feira nadar	larga vai direito declarar	paus e espadas ourives anéis arrecadas	"Oh, que espada tão bem feita, até dá gosto empunhar, se eu acaso não tivera, esta havia de comprar!" (...)				
1395	Porto	O capitão dos soldados um grande amor lhe tomou; D. Barão, como discreto, de nada se receou. A donzela, por discreta, ...	Mi´padre, mi´madre dor do coração olhos soldadinho	Convida (x4) vá cear partir do pão bota cadeiras altas, baixas a par vá feirar vá dormir vá nadar	(há-de) partir mostrar assentar apegar descobrir dar	ao peito baixo baixas fitas desculpa	pegou estransi-nhou quis estar apreçar vestiu se deitou chamou entregou	faca de ponta pão e queijo mais alta espada camisa e ceroulas criado carta		belas fitas adornar	
1396	Porto		morro(x3) minha mãe do coração olhinhos D. Carlos	Convidai (x3) ir feirar ir jardinar ir nadar	(há-de) atentar atentar arrecear	fitas flores			lindas espadas de sargento guerrear lindas limas de sargento trajar	- lindas fitas moça trajar lindas flores cheirar	

1397	Porto		meu pai paizinho morro do coração olhos D. Martinho corpo de homem, olhos de mulher	Roga (x3) ir feirar ir jardinar ir nadar	(há-de) atentar atentar acautelar	ouro flores			rica espora de prata montar rico limão verde atirar	ricas prendas de oiro, gostar ricas limas doces gostar	
							"- Oh, que ao meu coração chega uma carta tão sentida; que o meu pai que é morto, minha mãe já não é viva!"				
1398	Porto	D. Carlos, como discreto,	minha mãe(x2) minha mãezinha, do coração olhinhos D. Carlos	Convida (x4) ir feirar ir ao quintal ir jantar ir nadar	(há-de) pegar pegar se sentar se abaixar	fitas fruta baixo	foi pegar foi pegar assentou pegou esfatiou	espada flor mais alto faca pão e queijo	bela espada guerrear bela flor para dama dar		
1399	Porto	- Que tende vós, ó meu filho, que tendes no coração?	Olhos de D. Caetano	Convida (x4) jantar dormir à feira nadar	 vai descobrir irá declarar	a mais pequenina cadeira bonecadas	"- Que tão pequenas cadeiras, quem nelas se há-de assentar? São próprias para mulher, p´ra homens não têm lugar." "- Foi juramento que fiz, enquanto a guerra durar, de nunca mais me despir e nunca me desapertar e esta espada entre nós dois por cautela há de ficar." "- Oh, que espada tão bem feita para qualquer empunhar! Se eu ao acaso não tivera, esta havia de levar" "- Cartas me chegam de longe, tenho meu pai a morrer"				vou pedir licença ao rei, não quero deixar de o ver.
1400	Guarda		olhos D. Martinho	Convida (x5) ir ao pomar	(há-de) chegar	doce	"- Oh, que fruta tão doce para um homem provar!"				

			senhora mãe matar-nos-ão corpo temível d´homem olhos de mulher	ir à feira passear jantar dormir nadar	chegar chegar não querer despir não se quer deitar	tendas baixos mar	"- Oh, que rocas, oh, que fitas, quem lhas pudera levar! - Oh, que bonitas espadas para um homem batalhar!" "- Oh, que cadeira tão baixa para um homem se assentar!" "- Tenho feito juramento, espero de o cumprir, de, enquanto andar na guerra, de ceroulas não despir."		
1402	Castelo Branco		minha mãe (x2) dói coração olhos Leonardo	Leva (x3)(x3) enfeirar jantar nadar	(há-de) agradar assentar arrecear	rendas baixo		lindos armamentos anda a guerrear	lindas rendinhas se enfeitar	
							"- Que cadeiras tão baixas para um homem se assentar, Dê-me daí o meu capote para mais alto ficar!" "- De terra lá donde eu sou nunca nadei nem vi nadar, deite-se, senhor, à água, que me há-de ir ensinar."			
1403	Castelo Branco		minha mãe ando triste penas no coração olhos D. Martinho	Leva (x2) jantar nadar	(há-de) agradar ao despir arrecear	baixos	"- Oh, que cadeiras tão baixas para o hombre se assentar; que guardanapos tão sujos para o hombre se alimpar!" "- Tenho um nó nas ceroulas, não o posso desatar."			
1404	Castelo Branco		olhos D. Martinho senhora mãe me matarão corpo de home´ olhos de mulher	Leva (x3) jantar dormir nadar	(há-de) assintar nã despir acobardar	baixos ceroulas	"- Oh, que trepeças tão baixas p´ra um home´s´assintar! Dê ´te cá o mê´ capote p´ra mais alto ficar." "- Eu, em casa de mê pai, nunca ceroulas despim; agora qu´ando por fora quero fazer mesmo assim." - Nade lá, mê´ camarada, qu´eu nã me posso demorar,			que tenho o mê pai doente e minha mãe a acabar.

1405	Castelo Branco	D. Martinho de Avisado	minha mãe, morro(x2) do coração olhos D. Martinho mi´madre matar-me-ão corpo tiene de homem olhos de mulher são	Convida (x4) jantar enfeirar dormir nadar	(há-de) assentar pegar não querer despir acovardar	baixo fitas	cadeira mandou chegar, com o seu capote em cima para mais alto ficar.	espadas finas guerrear	fitas (Quem lhas pudera) mandar	
							"-Tenho feito juramento, espero de o cumprir, de enquanto eu andar na guerra as ceroulas não despir."			
							primeiro o mandou entrar. -Ide vós mais adiante para me ires ensinar.			
1406	Castelo Branco		minha mãe morro do fundo do coração olhos Leonardo	Espromenta (x4) ir enfeirar ir jantar nadar vir dormir	(há-de) agradar sintar converdar não querer despir	fitas baixo		armas adagas guerrear	fitas (quem nas pudera) mandar	
							"Oh, que cadeiras tão baixas para hombre se assintar, ponho mais o meu capote para mais alto ficar."			
							"-Eu, quando saí de casa, eu fiz um juramento, que nunca me havia de despir durante o meu tempo."			
1407	Castelo Branco		olhos Leonardo mãe minha matar-me vão corpo de homem olhos de mulher	queres conhecer(x3) leva a uma loja comprar trá-lo a jantar leva a nadar	(há-de) agarrar agarrar alimpar acobardar	fitas assentos mais baixos panos mais sujos		espadas e adagas guerrear	fitas bonitas se enfeirar	
							"- Oh, que cadeiras tão baixas para um homem se assentar, oh, que panos tão sujos para um homem se alimpar!"			

1408	Beira Baixa	D. Martinho, de avisado	olhos D. Martinho minha mãe matar-me-ão corpo de homem olhos de mulher	Convida, um dia (x5) para o pomar para o jantar feirar dormir nadar	(há-de) apegar assentar apegar não querer despir acovardar	agro bancos fitas	foi lançar mandou chegar foi lançar às espadas foi logo descalçar foi logo descalçar	ao doce cadeiras	“-Oh, que cadeira tão baixa para um homem se assentar!” espadas pesadas guerrear - Tenho feito juramento, espero de o não quebrar, enquanto eu andar na guerra as ceroulas não tirar. Tenho feito juramento, protesto de o cumprir, enquanto eu andar na guerra a camisa não despir e espada de meu pai entre nós há-de dormir. - Entre, entre o cavaleiro, já o vou acompanhar.	fitas (quem lhas pudera) levar	
1409	Portalegre	D. Marcos, como discreto, não deixou de suspeitar,	Madre mi´a (x2) morro de amores olhos D. Marcos	Queres saber (x3) trá-lo a jantar (bota cadeiras baixas) convidai ir à feira passear leva-o a banhar	(há-de) pegar escusar	fitas águas	foi passando pelas baixas foi sentar nas altas Tinha uma bota descalça e outra por descalçar,	belas espadas na guerra lidarem	lindas fitas adornarem	quando lhe veio por notícia [… …]
1410	Portalegre		minha mãe (x2) olhos D. Martinho a mim me matarão	se o queres experimentar (x3) convida jantar leva enfeirar	(há-de) assentar agarrar	baixas fitas		belos assentos p´ D. Martinho se assentar belas espadinhas brigar	belos assentos ofertar belas fitas verdes adornar	

			feitos de homem, olhos de mulher	convida nadar	acobardar		- Nade o capitão primeiro, p´ra me poder ensinar;			
1412	Portalegre	D. Varão, por ser tão fino, logo soube retirar,	meu padre, mê madre morro sem confissão olhos D. Varão	convida (x3) vir jantar (põe cadeiras altas e baixas) ir passear ir nadar	(há-de) dar dar	desvio desvio	passou pequeninas foi assentar altas Mandou buscar capote p´ra mais alto ´inda ficar			
1413	Portalegre		olhos D. Martinho senhora mãe matar-me-ão feitos de homem olhos de mulher	se queres saber, leva(x3) jantar feira nadar	(há-de) agarrar agradar afastar	baixos prendas	- Oh, que tão baixos assentos p´ra um homem s´assentar! Vou dobrar o meu capote para mais alto ficar.	belas espadas batalhar	belas prendas mandar	
							- Perdoai-me, senhor capitão, bem me pode perdoar, os homens da minha terra nunca souberam nadar.			
1414	Leiria	D. Marques, por discreto, se pôs logo a considerar,	minha mãe, morro, abafo do coração olhinhos D. Marques	se queres saber, convida (x4) feira ir passear jardim jantar	(há-de) agarrar agarrar sentar	fitas cidras mais baixo	passou fitas foi agarrar espadas passou cidras foi agarrar maçãs passou baixas	espadas bonitas soldado guerrear maçãs bonitas apanhar	fitas bonitas madame luxar cidras bonitas cheirar	

				ir nadar	arrecear	águas	foi sentar mais altas tinha uma bota descalça, outra por descalçar.	"Oh, que cadeiras tão baixas para um soldado se sentar, cada qual na terra alheia comerá do que achar!"	
1415	Lisboa		minha mãe morro(x2) do coração olhos D. Martinho	Convida (x4) ir a jantar ir a feirar ir a dormir ir a nadar	(há-de) assentar agarrar não querer despir acobardar	baixos fitas	"- Oh, que lindos assentos p´ra uma dama s´assentar, eu porei o meu capote para mais alto ficar."		
								lindas espadas garrear	lindas fitas p´r´ manas mandar
							- Tenho feito um juramento, faço tenção d´o cumprir, enquanto andar na guerra ciroulhas não despir.		
1417	Lisboa	D. Carlos, como era descreto, sem ninguém no espreitar	minha mãe(x3) do coração olhos D. Carlos	Convida (x3) jardim jantar dormir	(há-de) pegar assentar não querer despir	rosas assentos baixos		lindos cravos chê´rar	lindas rosas enfeitar
							(...)		
							fingiu uma dor de dentes e andou toda a noite a passear.		
1419	Faro	D. Barão, como esperto,	meu padre e meu madre me queiras perdoar olhos D. Barão	convida (x4) ir passear a um jardim jantar [… …] dormir nadar	(há-de) ir apegar sentar [… …] s´ envergo-nhar	rosas cadeira mais baixa no despir	- Ai, que rosas tão bonitas p´r´ às madamas se enfeitarem. As minhas irmãs lá tão longe e eu as não poder mandar.		Tirou uma carta da algibeira, pôs-se a ler e a chorar.
							foi assentar mais alta - Inda pôs capote debaixo para mais alto ficar.		
							[…. …]	Armas para na guerra manejar	
							- Eu tenho sarna castelhana, que não posso sossegar.		
							Pôs-se sentada na areia (...) com uma meia calçada, outra meia descalçar.		

1420	Faro	O capitão dos soldados um grande amor lhe tomou, Martinho, como discreto, de nada se receou.	minha mãe da minha alma, morro-me do coração olhos D. Martinho	Convida p´r´ò jantar bota cadeiras altas e baixas a par" leva a passear leva-o a enfeirar convida-o a banhar	(há-de) cortar sentar enlevar pegar recusar	pão ao peito baixas flores fitas	pegou faca de ponta quartejou pão e queijo foi passar baixas desprezando todas foi sentar altas ("-Belas flores ... às damas ofertar..." - *fala do capitão*) - As damas, se las quiserem, elas que as venham buscar. ("-Belas fitas... às damas enfeitar..." - *fala do capitão*) - As damas, se querem fitas, elas que as venham comprar. foi-se logo descalçar.				
1421	Faro	-Ó D. Marcos, ó D. Marcos, comigo vinde…! -Pronto, pronto, ó meu príncipe, sempre pronto ao teu mandar! Leonor, como entendida, …	querido pai da minha alma, minha mãe do coração olhares D. Marcos	Convida (x5) jantar partir do pão caçar vá dormir no jardim a passear; vá nadar	(há-de) mostrar acanhar descobrir pegar desculpar	partir ao peito por forças cravos	foi sentar pegou cortar saiu foi caçar vestiu se foi deitar gracejar foi montar	mesa faca pão ao largo caminho matos camisa e ceroulas com ele no cavalo	lindas rosas belas rosas cheirar	lindos cravos levar	O príncipe entrou na água, Leonor a passear.
1422	Faro		mim padre, mim madre, d´amores morrendo	convida (x3) ir a função feira	(há-de) assentar apegar	mais baixas fitas	sentou-se mais baixas		lindas lanças brigarem	lindas fitas gozarem	

		Conde-barão, como entendido, …	conde-barão olhos	ir lavar ao mar	acanhar	ao despir	Tinha uma bota calçada, a outra em meio descalçar, levou as mãos ao rosto e prantou-se a chorar.	
1423	Ilha da Madeira	Filho d´el-rei mal lo viu/que tal ouve, morto ficou / fica de paixão e, chegando a palácio, pede à mãe sua bênção e lhe conta, em segredo, pena de seu coração. - Vinde,senhor D. Martinho… D. Martinho, d´avisado, nã se deixou enganar.	olhos D. Martinho minha mãe me matarão corpinho daquele homem olhos de mulher	convida (x5) merendar mercados comprar ir no jardim passear se deitar ir no rio nadar	se vai sentar (há-de) enfeirar enfeitar negar negar	de estrato corais cravos	(-Vinde...neste estrado...podeis assentar. *fala do capitão*) "- **Lindo estrado** p´ra **damas**...Estrado **não** é p´ra **homens**, nã me sei ´í ajeitar." (- ...vermelhos corais...podeis enfeirar. - *fala do capitão*) "- **Lindos corais** são p´ra **damas**...**não** servem p´ra **homens**, que só **gostam de pelejar**." (- ...cravos...lindos, ...podeis enfeirar. - *fala do capitão*) "- **Lindos cravos** são p´ra **damas**...los **homens** não querem cravos, mas **roasa** p´ra **desfolhar**." (-Vinde...nesta cama...cabemos a par. - *fala do capitão*) "-**Linda cama p´ra mulher**, ...mas **dois homens numa cama**? Quem los **mandara açoitar**!" (-Vinde...nestas águas corredias ambos podemos brincar. - *fala do capitão*) "-**Águas doces** são p´ra **damas**, ... nã servem p´ra **homens**, senão **águas de la mar**.	Filho d´el-rei que tal ouve, morto fica de paixão, nã foi sequer la palácio, pedir à mãe la bênção, desatou a suspirar penas do seu coração.
1424	Ilha da Madeira	D. Martinho, por discreto, …	minha mãe aqueles olhos olhos D. Martinho mau cabo de mim darão	Desafiai-lo (x4) passear namorar na taberna folgar nadar	(há-de) falar falar não querer aceitar não querer aceitar	de galas de homens	conversar de armas conversar de moças pronto a entrar primeiro lo manda entrar e, logo que lo vê na água, Martinho a caminhar.	

1427	Ilha de S. Jorge	D. Varão, como discreto	minha mãe trago mágoas dentro do meu coração olhos D. Varão	Convidai (x5) pomar jantar (cadeiras altas e baixas; pão) à botica dormir nadar	(há-de) apegar se assentar levar (o pão) apegar não querer despir não querer botar	maçã nas baixas ao peito fitas	foi mirar assentou levou apegou	cidra mais altas ao punho espadas	rica cidra cheirar rica espada brigar	ricas maçãzinhas merendar lindas fitas enganar	
							começou a descalçar, naquela noite seguinte, as guerras a começar. começou-se a descalçar.				
1428	Ilha de S. Jorge	O filho do rei, indo à caça, logo disse a sua mãe: D. Varão, como discreto pelas ... não quis dar.	Olhos D. Varão de mulher, de homem não. - Ó minha querida mãe, já não há que experimentar!	Convidai (x5) vir jantar ir ao quintal ir à botica ir dormir ir nadar	(há-de) apegar apegar apegar não querer despir não querer botar	couve maçã fitas	pegara de começara de gastar pegara começara de o gabar pegara começou de o gabar	pão e carne limão doce pano fino	 “- Que rico limão cheiroso, para moças enganar!” “- Oh, que rico pano fino para uma farda talhar!”		-
							(- É meia-noite passada, outra meia para vir ... vamo-nos deitar a dormir. - *fala do capitão*) - Deixe-me, senhor amigo, não me queira afrontar, que na casa aonde habito por mim estão a esperar. em bragas se foi botar, levou-o lá tanto fora, arriscado a o matar.				

1429	Ilha Terceira	A donzela, por discreta, ...	Senhor pai, senhora mãe, grande dor coração olhos conde Daros	Convidai (x4) ir ao pomar jantar feirar nadar	(há-de) pegar encruzar pegar escusar	maçã estrado fitas convite	(foi) apanhar sentar comprar	camoês altos adaga	belos camoeses cheirar bela adaga brigar	lindas maçãs levar lindas fitas levar	Traz-lhe o seu paje´ uma carta, pôs-se a ler e pôs-se a chorar.
							começou-se a desnudar.				
1433	Desconheci -da		meu padre, minha madre, me fino de paixão olhos D. Varão	Convidai (x4) jantar à feira ir enfeirar para o jardim passear ir nadar	(há-de) assentar agarrar apanhar acobardar	chão fitas flores	Foi p´r´ à mesa, cadeira mandou chegar, pôs capa para mais alto ficar.				- Ide embora, cavaleiro, que eu sem vós não nadarei; se a espora era de prata, de oiro fino lha darei. (*fala do capitão*)
									espadas valentes guerrear	fitas bonitas enfeitar	
							-Que lindas flores ... às damas ofertar! - *fala do capitão*) - Pois se elas quiserem, que as venham cá buscar!				
							- Entrai, entrai, cavaleiro, já o vou acompanhar, perdi a espora de prata, atrás a vou procurar.				

DESFECHO

Nºdo texto versão	Local da distribuição	Seção temática		
		Capitão/Narração	Donzela	Encontro com o pai/ Narração
1378	Desconhecida	Que mágoa/infortúnio/aflição lágrimas que te arranca, te lacera o coração Partem, chegam ao castelo, - Conheci-o pelos olhos, que por outra cousa não.	Novas me chegam agora, novas de grande pesar, minha mãe é morta, meu pai vai a enterrar sinos da minha terra parece que ouço dobrar duas irmãs que tenho ouço ao longe lamentar Para servir-lhe de amparo devo ao castelo tornar monta, monta, cavaleiro, temos tempo de chegar e, rindo ao seu capitão, D. Marcos assim falava: Se me quiser namorar, ó tão lindo capitão, venha a casa de meu pai, porém isso na guerra isso não. É, senhor, genro vosso, se o quiserdes aceitar. Sete anos andou na guerra este meu filho barão e ninguém o conheceu, se não o seu capitão.	o pai à janela estava - Ó meu filho, quem é esse que vos vem acompanhar?
1379	Bragança	- Espera, espera, Martucho, que te quero acompanhar.	- Entra, entra, Valdevino, que eu me estou a desapertar. Olá, olá, Valdevinos, querias ser o meu amor; andei sete anos na guerra, ´inda levo a minha flor. De lombeiro em lombeiro ainda me podes avistar.	
1380	Bragança		Tristes novas me vieram que lhes não posso faltar meu pai já era morto, minha mãe estava a acabar. Fica-te tu, ó rei mouro, tu e o teu batalhão, sete anos andei na guerra sem saber s´era home´ou não!	
1384	Bragança		Tristes novas me chegaram nas asas de um passarinho minha mãe já era morta e meu pai estava partindo. Há sete anos que ando na guerra, servo el-rei, meu senhor, Hoje acabam nos sete anos… Pisa o potro, Leonor!	
1385	Bragança		sete anos andei na guerra, servir o rei, meu senhor; agora querem que eu nade… Toca o potro, Leonor!	
1386	Bragança	Logo a pela manhã, tratar de se despedir.	Adeus, ó meu capitão, eu já o não posso servir vou-me para minha casa, a guerra não posso resistir.	

1387	Vila Real	O general e Leão Marques em casa dos pais entraram e dali a poucos dias as bodas se celebraram.	Vou-me embora, porque tenho o meu pai para enterrar.	
1388	Vila Real		Os sinos da minha terra aqui os ouço tocar. as seis manas que eu tenho aqui as ouço chorar! Sete anos servi el-rei, sem ninguém me desonrar; outros sete anos servira, se não fora o ir nadar. Eu sou D. Leonor, (...) quem quiser casar comigo, venha a casa de meu pai.	
1389	Vila Real		(...) - Viva dona Leonor, que sete anos serviu a guerra e vai a mesma flor!	
1390	Braga		Adeus, que me vou embora, adeus, meu conde e senhor; há dois anos que o serve esta dona Leonor.	
1393	Viana do Castelo	- Tu que tens, ó D. Carlos, D. Carlos de Montalvar?	minha mãe é morta, meu pai está a enterrar, de sete manas que tenho aqui as ouço chorar, sinos da minha aldeia aqui os ouço tocar. Sete anos andou na guerra D. Carlos de Montalvar, e outros sete andaria se não fosse o ir nadar.	
1394	Porto		Chega me agora esta carta, meu pai está a morrer; vou já pedir ao meu rei que me deixe eu i-lo ver. Sete anos andei na guerra, se mulher vim, mulher vou; ⌈...⌋ Honrada vim, honrada sou. ⌈...⌋ Adeus Carlos, meu amor, que dormiste sete anos com a dona Leonor.	
1395	Porto	- Montai-vos, ó D. Barão, que eu vos vou acompanhar. Lá chegando à sua terra, viu seu pai a passear.	Novas me chegam agora, novas de negro pesar e os sinos da minha terra já ouço repenicar, ou meu pai que já é morto, ou está para enterrar. - Um genro de vossemecê, se o quiser aceitar.	- Que foi isso, D. Barão, quem vos vem acompanhar?
1396	Porto		Sete anos andei na guerra sem ninguém nada dizer; ao fim dos sete anos, um capitão me veio a conhecer.	
1397	Porto		De seis irmãs que lá tenho, aqui as ouço chorar; sinos da freguesia aqui as ouço tocar. Avança, meu cavalo, avança, que ainda hoje lá vais dar.	

			sinos da freguesia aqui os ouço tinir. Avança, meu cavalo, avança, que ainda hoje lá hás-de ir. - Aqui tem, ó meu paizinho, pô´s, a sua filha varão; o tempo que andou na guerra, sete anos e um verão ninguém me lá conheceu se não o senhor capitão.	
1398	Porto		sinos da minha freguesia aqui os ouço tocar; minha mãe que está a morrer e o meu pai a enterrar.” Adeus, adeus, praça d´armas, adeus, meus nobres senhores, em sete anos que vos serve esta nobre Leonor. Honra trouxe da minha terra, honra torno a levar; quem comigo quiser casar, vá-me à minha terra buscar. - Trago aqui um genro, se o quiser aceitar.	
1399	Porto		Adeus, adeus, ó D. Carlos, cá vai D. Leonor, sete anos andei na guerra e vai ainda a mesma flor.	
1400	Guarda		sinos da minha aldeia aqui os sinto tocar, quem comigo quiser casar a casa do meu pai me venha procurar. -Abra-me as portas, meu pai, abra e venha-me ver, sete anos andei na guerra sem ninguém me conhecer. -Abra-me as portas, meu pai, abra-as com grande alegria, sete anos andei na guerra, trago minha bigarria!	
1402	Castelo Branco		sete anos andei na guerra, sete anos e um verão, sem nunca me conhecer o filho de um capitão. Cartas me estão a vir, cartas estão a chegar, meu pai é morto, minha mãe, acabar. Quem por mulher me quiser, a casa de meu pai me irá buscar.	
1403	Castelo Branco		Cartas me estão a vir, cartas estão a chegar; tenho minha mãe morta e meu pai está a acabar. Dê cá a minha almofada, quer´ ver se `inda sei coser. sete anos andei na guerra, sem ninguém me conhecer. Deixe ver minha tesoura, quer´ ver se `inda sei cortar. Sete anos que andei na guerra sem ninguém me difamar.	

1404	Castelo Branco		Se me quiser alguma coisa, a casa de mê pai me vá prècurar. Dê´te cá a minha almofada, quero ver se `inda sei coser; sete anos andei na guerra sim ninguém me conhecer, só o filho duma viúva andava p´ra m´intinder.	
1405	Castelo Branco		Cartas me vêm da terra, cartas de grande pesar; meu pai é morto, minha mãe está a acabar. Tenho seis irmãs mais novas, quero-as ir amparar. venha a casa de meu pai se comigo quer casar. Sete anos andei na guerra, sete anos por capitão, sem ninguém me conhecer se eu era mulher ou não.	
1406	Castelo Branco		Cartas me vêm do céu, cartas me estão a chegar, meu pai já morreu, minha mãe está a acabar. Se me quiserem perguntar, a casa do meu pai vão falar.	- Menina que está no meio dê o ponto miudinho, `inda espero de romper, das suas mãos, num colarinho.
1407	Castelo Branco		Cartas me vêm do céu, cartas de muito pesar, tenho a minha mãe morta e meu pai está a acabar. – Alto, alto, meus criados, meus cavalos a ferrar, que jornada de três dias numa hora se há-de andar. Sete anos andei na guerra com o filho de um capitão, sem nunca me conhecer se era mulher ou varão!	
1408	Beira Baixa		sinos da minha terra aqui os ouço tocar; minha mãe já morreu, meu pai se está a finar; de sete manas que tenho aqui as ouço gritar. - Abra-me as portas, meu pai, de todo o seu coração.! Sete anos andei na guerra sem me conhecer varão, mas só no fim dos sete anos conheceu-me o capitão; conheceu-me pelo riso, que por outra coisa não.	
1409	Portalegre	quando lhe veio por notícia [… ...] que sua mãe era morta e seu pai a acabar; que tinha seis irmãs órfãs e as queria ir a amparar. - Montai vos, ó D. Marcos, que vos quero acompanhar.	- Sete anos andei na guerra sem ninguém me conhecer; dêem cá almofada a ver se `inda sei coser.	

1410	Portalegre		quem quiser casar comigo vá ao palácio real, sou filha de D. Martinho, neta de dona Guiomar.	
1412	Portalegre	- O que tens, ó D. Varão, estás a rir, estás a chorar?	- Tenho um nó nestas ceroulas, não no posso desatar; sinos da minha terra já os ouço aqui tocar, o meu pai já é morto, minha mãe vai a enterrar. Monta, cavaleiro, amonta, se me queres acompanhar, duas manas que lá tenho bem nas ouço aqui chorar.	
1413	Santarém		Uma carta me chegou, outra me vem a chegar, meu pai é morto e não me posso demorar. Duas irmãs que eu lá tenho, quero-as ir amparar; se alguma coisa me quiser a casa de meu pai me vá procurar. - É um senhor genro seu se o quiser aceitar. Sete anos andei na guerra, sete anos e mais um verão; ninguém me conheceu, senão o senhor capitão; conheceu-me pelos olhos, que por outro modo não.	- Diz-me, ó minha filha, 「...」 que cavaleiro é aquele que além vem a cavalgar?
1414	Leiria		- Ala ala cavaleiro, se me queres acompanhar, até agora era D. Marques e agora Maria d´Aguiar Se quiseres casar comigo, a casa de meu pai me irás buscar!	
1415	Lisboa		Cartas me vêm do céu, cartas de grande pesar, minha mãe já é morta e mê´pai está a acabar. Duas manas que lá tenho oiço chorar. Acima, acima, capitão, se me quer acompanhar; se quiser casar comigo, a minha terra me vá buscar. - Deus vos salve, ó querido pai, na sala do seu jantar. - Sete anos fui soldado sem ninguém me conhecer senão o meu capitão, que vem p´ra m´arreceber.	-Vem com Deus, minha filha, que tão bem sabes falar.
1417	Lisboa		Sete anos andei em guerra, outros sete em Cargão (Aragão), ninguém me conheceu por mulher senão o meu capitão.	
1419	Faro	- Que tens, ó Barão, que estás posto a chorar?	- É o sino da minha terra que aqui o ouço a tocar. Foi o meu pai que faltou, minha mãe que está a acabar. Se queres ser meu amigo leal, trata de me acompanhar. - É seu genro, meu pai, e das minhas manas cunhado.	

			Sete anos andei na guerra, sete anos lá andi, eu fui virgem e voltei virgem como a hora em que nasci.	- Quem é esse cavaleiro, minha filha, qu´ aí trazes ao vosso lado?
1420	Faro	- Parai, ó meu cavaleiro, que vos quero acompanhar, quando chegarmos a casa contigo quero casar.	Cartas me caem do céu, cartas me estão a chegar, talvez meu pai seja morto, ou minha mãe a acabar. As seis manas que lá tenho as vou a amparar. Adeus ó meu capitão, adeus que vou a marchar.	
1421	Faro	- Vinde, vinde, ó D. Marcos vinde p´ra dentro do mar. (x2) - Antes que chegues à porta, chegarei ao teu portal, irei pedir-te ao teu pai, contigo quero casar.	– Banhai, príncipe, banhai, tenho o corpo a suar. - Banhai, príncipe, banhai, qu´eu me vou a caminhar; sinos da minha terra aqui os ouço dobrar talvez meu pai seja morto, minha mãe a enterrar; tenho seis irmãs mais novas, quero-as ir amparar. - Adeus, meu príncipe, adeus, adeus, meu querido senhor. sete anos andou em guerra o soldado Leonor.	
1422	Faro	- O que tens, conde-barão, que estás posto a chorar? - Monta(x2), cavaleiro, qu´eu te vou acompanhar até a casa de teu pai eu te irei a levar.	- Vê´-me agora à relação (…) meu pai estava morto e minha mãe estava a acabar - É um genro seu, se o quiser aceitar. Andei sete anos na guerra, em companha dum batalhão, ninguém me conheceu pelos olhos, senão este capitão.	- Que cavaleiro é esse, filha, que te vem acompanhar?
1423	Ilha da Madeira	– Vossos olhos, D. Martinho, sabei-lo, me matarão, no corpinho sereis homem, los olhos de mulher são. D. Martinho, namorado, nã pode dizer que não. Nisto vem um mensageiro uma carta lhe entregar. - Que tendes vós, D. Martinho, que tanto vos faz chorar? Filho d´el rei, que tal ouve, já nã morre de paixão e lá se vai a palácio, tomar da mãe la bênção; lá se vai com D. Martinho, sem penas no coração.	- Sete anos andei nas guerras de França contra Aragão; suspeitastes-me dos olhos, mas doutras suspeitas não. - Esta carta que me diz que meu pai está a acabar e duas irmãs que semos, semos ambas por casar; Se quereis sê´lo meu marido, minha mão vos quero dar.	

1424	Ilha da Madeira	- Onde ides, D. Martinho, assim me deixais ficar? - D. Martinho, ou Martinha, que nome vos hei-de dar?	- Cá me vou p´ra minha terra, meu pai me manda chamar. - Se Martinho, se Martinha, ide lá adivinhar. Andei sete anos nas guerras de França com Aragão, conheceram-me nos olhos, mas doutras maneiras não.	
1427	Ilha de S. Jorge		novas me acabaram de chegar, meu pai era morto, minha mãe para acabar. - Acompanhe-me(x2), se quereis me acompanhar, sete anos servi el-rei, em palácio a brigar, virgem vim virgem vou, o filho do rei como asno ficou, se quiser casar comigo, siga-me por onde eu vou.	
1428	Ilha de S. Jorge	Viu um barquinho na água, começou de navegar.	- Donzela vim e donzela vou, o filho do rei como asno ficou.	
1429	Ilha Terceira	Chegavam a uns altos paços, foram-se logo apear.	Novas me chegam agora, novas de grande pesar, minha mãe é morta, meu pai se está a finar; sinos da minha terra estou a ouvir dobrar e duas irmãs que eu tenho as oiço chorar. Monta, monta, cavaleiro, se me quer acompanhar! - Senhor pai, trago-lhe um genro, se o quiser aceitar; foi meu capitão na guerra, de amores me quis contar; se ainda me quer agora, com meu pai há-de falar. Sete anos andei na guerra e fiz de filha barão; ninguém me conheceu, senão o meu capitão; conheceu-me pelos olhos, que por outra cousa não.	
1433	Desconhecida		sinos da minha terra eu bem os oiço tocar, ou minha mãe está morta, ou meu pai a enterrar. Monta, monta, cavaleiro, se me queres acompanhar, serás genro de meu pai, se me quiseres aceitar. Sete anos fui à guerra, sete anos fui varão, nunca me pôde enganar o filho de D. João.	